





ERNESTO BOZZANO
MANIFESTAÇÕES IMPORTANTES
E APARIÇÕES NA FORMA DOS MORTOS



FONDAZIONE
BIBLIOTECA
BOZZANO
DE BONI

Ernesto Bozzano

Manifestazioni importanti ed apparizioni in forma dei defunti

Estratto la rivista La Ricerca Psicica

Casa Editrice Luce e Ombra

Roma (1937)



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritaclassicos.com

Data da publicação: 11 de junho de 2016

CAPA: Irmãos W.

TRADUTORA: Fabiana Rangel

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

ERNESTO BOZZANO

Nasceu em Gênova em 9 de janeiro de 1862 e morreu naquela cidade (depois de um período em Savona) em 24 de junho de 1943. Sempre viveu só e se dedicou inteiramente, com grande paixão, ao estudo da parapsicologia: conduziu sua existencia na casa de um irmão rico e assim pode exprimir o melhor de seu intelecto em um ambiente adequado.

Pesquisou cada ramo da parapsicologia, sem limitar os tipos, publicando umas cinquenta monografias sobre os mais variados temas e argumentos oferecidos por ela. Foi colaborador das mais importantes revistas estrangeiras e da Luce e Ombra, em particular, na qual escreveu de 1906 e 1939, publicando nela 3700 páginas.

Tendo se dedicado à parapsicologia a cada hora do dia, sem perder um só minuto, conseguiu assimilar, no curso de 52 anos, uma quantidade enorme de material útil, tornando-se assim um dos maiores eruditos no campo da parapsicologia.

ÍNDICE

Prefácio de Jorge Hessen / **06**

Apresentação do tema / **08**

Manifestações importantes e aparições na forma dos mortos

Introdução / **10**

Caso 01 / **28**

Caso 02 / **39**

Caso 03 / **43**

Caso 04 / **57**

Caso 05 / **65**

Caso 06 / **70**

Caso 07 / **79**

Caso 08 / **85**

Caso 09 / **92**

PREFÁCIO

O italiano Ernesto Bozzano, um cientista clássico da investigação espírita, publicou dezenas de monografias sobre os mais variados temas e argumentos oferecidos pela Codificação kardeciana. Bozzano foi colaborador das mais respeitáveis revistas especializadas do mundo e de maneira especial da "Luce e Ombra", para a qual escreveu milhares de páginas por extensos trinta e três anos (1906 e 1939).

Bozzano tendo se dedicado diuturnamente à causa espírita, conseguiu por mais de meio século compor uma coleção admirável de documentos científicos, fruto das suas observações metapsíquicas, tornando-se assim um dos mais fecundos e destacados eruditos na área experimental da parapsicologia.

A presente monografia que ora oferecemos ao leitor concentra em seu núcleo os resultados das análises e observações que comprovam a natureza, a existência, a sobrevivência e a comunicabilidade dos "mortos".

As ideias básicas nela contidas, registram as manifestações diretas de múltiplos eventos mediúnicos devidamente reunidos, sob os alicerces das provas inquestionáveis produzidas pelos próprios "mortos" (fora da carne) junto aos experimentadores "vivos" (encapsulados no corpo carnal).

Todos os casos estudados e reunidos na monografia vêm confirmar os postulados espíritas sistematizados por Allan Kardec, sancionando que

a vida prossegue em outros planos distantes da matéria densa da carne.

Em suma, oferecemos ao digníssimo leitor de "Autores Espiritas Clássicos" mais uma joia preciosa que vem robustecer a certeza científica sobre a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos "mortos" com os "vivos" na Terra.

São Paulo, 11 de junho de 2016

Jorge Hessen

APRESENTAÇÃO DO TEMA

No ano de 1936, por iniciativa do "Conselho Diretivo do Congresso Internacional Espiritualista" que aconteceria em Glasgow em setembro de 1937, fui convidado a enviar a este Congresso um resumo de uma obra minha sobre o tema: "Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o complexo dos fatos?". Tratava-se de resumir a maior parte da minha obra de quarenta anos, mas o tema logo me pareceu teoricamente muito importante. Aceitei o convite e, a seu tempo, enviei um longo trabalho de síntese geral sobre o tema em questão, trabalho que foi publicado em duas edições: Inglesa e Italiana, e teve por título a fórmula com a qual se me propôs o tema: "Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o complexo dos fatos?" (1)

(1) Publicado na Itália em edição privada – Edições Rebuffo, Città della Pieve, 1937, p. 292) e na Inglaterra com o título: Discarnate Influence in Human Life, John M. Watkins, London, p. 274. [G.D.B.]

Agora, penso ser oportuno lembrar tal circunstância aos leitores da presente monografia, e isso porque nela encontrarão alguns casos que relatei na citada obra de síntese, a qual, como tal, devia conter exemplos trazidos de todas as monografias que resumi nesta obra. De outro modo, não era aconselhável que na republicação "atualizada" da monografia em que estavam os casos em questão, eu os suprimisse, o que teria seriamente comprometido a eficácia demonstrativa, uma vez que os mesmos casos estavam entre os mais sugestivos na sustentação da tese proposta.

De todo modo, tratando-se de apenas quatro casos, o inconveniente é mínimo, enquanto me coloco a atenuá-lo completando-os nos comentários.

ERNESTO BOZZANO

MANIFESTAÇÕES IMPORTANTES E APARIÇÕES NA FORMA DOS MORTOS

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista científico das provas de identificação espírita, observa-se que os casos que merecem pertencer a tal designação existem em número bastante expressivo e os irreduzíveis adversários da vida além da morte tinham, nos últimos tempos, atenuado notavelmente sua insistência em condenar os mesmos casos com suas hipóteses favoritas a um grau máximo e isso enquanto tais hipóteses, além de serem gratuitas e inverossímeis, resultavam igualmente impressionantes para a explicação do complexo da casuística em exame; o que desorientava e tornava menos agressivos os seus proponentes.

Entretanto, recentemente foram propostas três novas hipóteses naturalísticas, duas das quais consistem na retomada de outras hipóteses antigas abandonadas, mas para as quais os opositores agora se voltam com crescente confiança. Assim é que a elas se confere uma certa eficácia teórica pela circunstância de que entre os amantes de investigações psíquicas geralmente se admite, ou se pressupõe, ou se subtende que, em última análise, seja verdadeiro que a demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano dependa exclusivamente de informações de identificação pessoal que os mortos comunicantes estejam em condições de fornecer episódios de sua existência terrena;

pressuposto equivocado, o qual oferece aos opositores a oportunidade de se fortalecerem nas novas hipóteses, especialmente quando as mesmas aparecem em sua natureza irrefutável apesar de não serem demonstráveis.

Acrescento que nesses últimos tempos aconteceu um incidente inesperado, o qual confere maior eficácia a tal limitação teórica errônea imposta à interpretação científica dos casos de identificação espírita. O incidente foi involuntariamente fornecido aos opositores pelo doutor Alexis Carrel, o eminente fisiologista francês, sempre circunspecto e sensato em seus julgamentos. Entretanto, dessa vez ele expressou uma opinião correspondente a que aqui se apresenta, partindo da existência da faculdade de "clarividência no presente, no passado e no futuro", faculdade que ele reconhece como demonstrada, de modo que é levado a observar o seguinte: "Os clarividentes não percebem tanto os eventos distantes no espaço, mas os distantes no tempo, trate-se do passado ou do futuro. Resumidamente, eles aparecem livres para vagar à vontade através do espaço e do tempo. Tudo isso parece indicar a existência de um princípio psíquico capaz de evoluir para além dos limites atribuídos às funções psicológicas cientificamente entendidas... Agora, trata-se de um grupo de manifestações do gênero que para os especialistas em investigações espirituais assume o valor de prova da sobrevivência do espírito humano, e em relação ao médium, quando está aparentemente "controlado" pelo espírito de um morto, demonstra-se capaz de revelar informações pessoais conhecidas apenas por ele, cuja veracidade se torna depois verificada com base em investigações

laboriosas... Essas manifestações, postas em relevo pelos espíritas, resultam, na verdade, muito sugestivas e importantes, mas sua interpretação resta ainda duvidosa, visto que não existem segredos para a faculdade clarividente dos médiuns. Acontece que para o momento, não parece possível distinguir entre a sobrevivência de um "princípio psíquico" e o fenômeno mediúnico da "clarividência"¹.

Como se vê, até o supremo fisiologista citado recai no erro de pressupor que as provas de identificação espírita dependem exclusivamente das informações pessoais que os mortos vêm a fornecer, o que, do ponto de vista científico, e devido à clarividência dos médiuns, não poderia – de modo geral – bastar para a identificação pessoal do morto. Sendo assim, urge tentar na base dos fatos a inexatidão de tal restrição teórica aplicada ao exame dos casos de identificação espírita e é isso que me proponho a fazer no presente trabalho, citando um número satisfatório de casos pertencentes a fenômenos de graduação variada e nos quais a identificação dos mortos não depende das informações estritamente pessoais fornecidas por sua própria conta. Informações que, apesar de importantes, resultam, todavia, complementares no processo de identificação cientificamente entendido, onde os dados resolutivos são de natureza radicalmente diversa e muito frequentemente objetiva.

¹ Alexis Carrel: **Man, the Unknown**, Hamisch Hamilton, London, 1937, p. 248. Vedi **L'uomo, questo sconosciuto**, Bompiani, Milano, 1939, Cap. VII, par. 8, pag. 284-6. [G.D.B.]

Isso posto, deve-se explicar de antemão em que consistem as três hipóteses naturalísticas recentemente propostas para a explicação dos casos em exame.

Quanto à primeira das hipóteses, não tomará mais que um parágrafo, posto que não se trate precisamente de uma hipótese, mas de uma objeção metafísica, e, como tal, eternamente indemonstrável. Tal sofisticada objeção consiste em afirmar triunfalmente que embora sejam muitas as informações fornecidas sobre os ditos mortos comunicantes, tais informações não assumirão jamais valor de "prova absoluta" em demonstração a menos que quem as forneça seja precisamente o morto que sobreviveu à morte do corpo; o que, segundo o critério dos opositores, equivale afirmar que não se chegará nunca a demonstrar cientificamente a sobrevivência do espírito humano.

Lembre-se sobre isso que o escritor já teve ocasião de revelar repetidas vezes – e isso de acordo com Sir Oliver Lodge, com o professor Bergson, com o prof. Driesch, com o prof. Morselli –, o quão anticientífica, o quão superficial e absurda é essa argumentação dos opositores, os quais ignoram, ou fingem ignorar, que nós mesmos, pobres "individualidades condicionadas", existimos no **relativo**, e então nunca mais nada poderá ser afirmado com **absoluta** certeza.

Acontece que em matéria de prova científica na demonstração da sobrevivência, deveremos sabiamente nos satisfazer daquelas que humanamente possam ser obtidas aplicando aos casos de identificação espírita os métodos científicos da **análise comparada** e da **convergência das provas**, métodos que conseguiram edificar o

Templo imponente do conhecimento humano, com todas as hipóteses, com todas as teorias, com todas as leis que não constituem a base firme.

Em outras palavras: devemos nos servir sabiamente das provas **relativas**, mas praticamente valiosíssimas, as quais a despeito da razão, da experiência e do senso comum, bastam e devem bastar para fornecer a demonstração prática da existência positiva de um fato; e, conseqüentemente, bastam e devem bastar para guiarem nos eventos da vida. Nesse último ponto de vista, as sofisticadas sutilezas da abstração ultra metafísica de nada valem e de nada contam.

Entretanto – como se diz – nesses últimos tempos, à insustentável, mas sempre renascente objeção filosófica em questão, os opositores acrescentaram a exumação de outras duas hipóteses, que se esforçam para reanimar mediante correções: a primeira que foi proposta há muitos anos pelo professor William James com intenções puramente metafísicas, segundo a qual antes de aderir à hipótese espírita nas manifestações dos mortos, dever-se-ia conceber a existência imanente no universo de um "Reservatório Cósmico das memórias individuais", ao qual o médium teria acesso e obteria as informações pessoais por todos ignoradas, presumidamente retomadas por espíritos de mortos por eles personificados.

Reservo-me a discutir no capítulo conclusivo a validade de tal hipótese, a qual pode ser aceita, porém apenas em parte; vale dizer, na condição de corrigida e radicalmente transformada.

De todo modo, isso não impede que, no momento em que os opositores a tomam ao pé da letra, compita a mim refutá-la tomando-

a – por assim dizer – por fundamentadíssima. Ora, uma contestação de tal natureza não pode ser feita senão na base da indução e dedução obtidas dos fatos.

Quanto à segunda das hipóteses exumada e remodelada pelos opositores, informo que se trata da proposta feita há uns oitenta anos, no livro de Adolfo D'Assier: **L'Humanité Posthume**². O autor era um materialista irreduzível, a quem aconteceu de, um dia, assistir a manifestações de **assombração** complexas, o que o levou a se ocupar de investigações mediúnicas, embora não renunciasse a suas convicções materialistas. Daí, a hipótese por ele proposta para racionalizar tudo que tinha presenciado, sem fazer referência à abominável sobrevivência do espírito humano. Segundo tal hipótese, sobreviveria somente, mas por breve tempo, um efêmero "fantasma póstumo", verdadeiro "espectro do além-túmulo", o qual conservaria por algum tempo uma certa vitalidade e um vago sentimento de existência, pelo qual viria atraído aos ambientes onde se encontram médiuns em "transe". Ali, fundindo-se ao espírito do médium, adquiriria temporariamente uma certa consciência de si, dando lugar às manifestações – sempre rudimentares, segundo o autor -, dos ditos "espíritos dos mortos". Entretanto, esse mísero resíduo póstumo da personalidade humana, exposto aos ataques incessantes das vibrações luminosas, caloríficas, elétricas, iria se desagregar rapidamente até se dissipar totalmente em pouco tempo.

Essa hipótese do D'Assier, que o doutor Broad exuma do túmulo no qual parecia sepultado para sempre, e ao ponto de torná-la mais

² A Humanidade Póstuma.

científica, ele não admite que o "espectro do além-túmulo" possa ainda ter um vago sentimento de existência. Segundo ele, não resultaria senão um simples "fator psíquico" destituído totalmente de rudimentos de consciência. Vale dizer que se trataria de um "puro elemento psíquico de natureza ativa e imaterial", o qual teria necessidade de se combinar com um organismo humano vivo para se tornar uma entidade consciente. E seria isso a acontecer na crise do nascimento, enquanto na crise da morte, o "fator psíquico" voltaria a se tornar um elemento de atividade inconsciente, não deixando de subsistir integralmente por algum tempo, durante o qual ele poderia reconquistar uma certa consciência de si combinando-se com o organismo temporariamente vago de um médium em "transe". E o doutor Broad conclui assim: "Tal inteligência é um **novo ser**, no sentido de que os dois fatores pelos quais ele está "revelado" à nova vida não estavam associados entre eles antes disso; mas não é a personalidade do médium, já que o "fator psíquico", que informa temporariamente este último, pertence ao morto; e não é a personalidade do morto, uma vez que o organismo de quem se apossou pertence ao médium. Em outros termos: ele não passa de uma personalidade efêmera, visto que existam apenas enquanto dura a sessão em que se manifesta".

Segundo os proponentes dessa hipótese, denominada "fator psíquico", ela parece merecer ser levada em consideração porque se prestaria a racionalizar um bom número de mensagens mediúnicas em que o dito morto comunicante fornece informações pessoais ignoradas por todos os presentes e resultam verídicas, enquanto o

complexo das mensagens revela tais deficiências por não poderem ser atribuídas ao verdadeiro e próprio "espírito" do morto sobrevivente à morte do corpo.

Assim argumentando os proponentes da hipótese em questão, esquecem-se da existência de longa série de mensagens do gênero em que essas deficiências não existem; ou seja, em que se encontram imprecisões e lacunas, mas passíveis de serem explicadas de modo muito razoável com a modalidade sempre precária e anormal em que se manifestam as comunicações entre os dois mundos, durante as quais o espírito comunicante é obrigado a usar um órgão cerebral emprestado, com a inevitável consequência de não se poder não realizar interferências subconscientes de toda sorte, bem como lacunas e confusões de recordações por quem se serve dos centros mnemônicos de outrem.

E por ora não acrescento outro, limitando-me a demonstrar o que afirmo com base em fatos a medida em que os casos citados me dão a oportunidade.

Isso posto, começo administrando preventivamente o "tiro de misericórdia" à hipótese em questão, repetindo em termos categóricos e definitivos como não é verdadeiro que a demonstração científica da existência da sobrevivência do espírito humano dependa exclusivamente das informações pessoais que a personalidade

espiritual dos mortos venham a fornecer sobre eventos de seu passado.

Ao contrário: é verdadeiro que em metapsíquica se encontrem grupos notáveis de provas diretas e indiretas, as quais não dependem da identificação estritamente pessoal dos mortos comunicantes e às vezes resultam até estranhadas pelos próprios mortos, mas convergem igual e admiravelmente na direção da demonstração da existência de um espírito sobrevivente à morte do corpo; e, conseqüentemente, contribuem valorosamente para reforçar a prova de identificação pessoal conseguida na forma de informações fornecidas pelo morto sobre sua existência terrena; e tanto contribuem que o professor Hyslop se colocou a observar como a mesma teoria científica da "gravitação universal", e da "evolução biológica da espécie", apesar de fundada sobre fatos, estejam bem longe de serem demonstradas com base em uma acumulação de provas tão impressionantes quanto as que demonstram a existência e a sobrevivência do espírito humano, assim como a realidade da comunicação mediúnica entre mortos e vivos.

Daí se tem que, do ponto de vista científico, o valor cumulativo de tal complexo excepcional de provas díspares, harmonicamente convergindo na direção da mesma comprovação, constitui um dado de **certeza racional**, o qual, embora não sendo **absoluto** (repito, o **absoluto** é de Deus), resulta de uma **relatividade** equivalente à certeza prática, como também resulta equivalente, e em muitos casos superior, a todos os dados de certeza teórica legitimamente postos

como fundamento de qualquer ramo do conhecimento, salvo a matemática.

Resta demonstrar a legitimidade científica das considerações expostas, ilustrando-as e documentando-as na base dos fatos, o que determinará a queda definitiva das objeções em exame.

E, para começar pelas provas da **ordem geral** que convergem em seu centro na direção da comprovação da existência e sobrevivência do espírito humano, eis a enumeração das principais dentre elas:

1) A existência latente no subconsciente humano da faculdade sobrenatural maravilhosa, emancipada dos vínculos de espaço e tempo, **independente da lei de evolução biológica** (prova que não são o produto da evolução biológica); faculdade que permaneceu inoperante durante a existência terrena, salvo a emergência fugaz do subconsciente na consciência, e em relação direta com múltiplos estados da **vitalidade deficiente** que podem fazer sucumbir um indivíduo, emergência que resulta mais ou menos notável de acordo com o grau mais ou menos avançado de tais estados de **deficiência vital**. Daí se infere, logicamente, que quando as funções vitais nos indivíduos vêm supressas pela crise da morte, só então as faculdades sobrenaturais subscientes estarão em condições de emergir e de se exercer com plena eficiência. Em outros termos: tudo concorre para demonstrar que as faculdades sobrenaturais em questão são os

sentidos espirituais do homem, os quais existem pré-formados, em estado latente, no subconsciente, na espera de emergir e de se exercer no ambiente espiritual depois da crise da morte, assim como os sentidos biológicos existem pré-formados, em estado latente, embrionário, na espera de emergir e de se exercer no ambiente terreno, depois da crise do nascimento.

2) A existência dos fenômenos de "bilocação", os quais apresentam a mesma característica apontada pelas faculdades sobrenaturais subconscientes: durante a existência terrena se determinam apenas em condições fisiológicas e patológicas implicadas uma crise de **deficiência vital** nos indivíduos, e seu grau mais ou menos avançado de extrinsecação está em relação matemática com o grau mais ou menos pronunciado de tal crise de **deficiência vital**, a qual corresponde a uma fase mais ou menos avançada de desencarnação incipiente do espírito. Daí se deve inferir que os fenômenos de "bilocação temporária" tal como se realizam entre os vivos, preludiam o fenômeno de "bilocação definitiva", como se realizarão na crise da morte. E, em seguida, o "corpo espiritual" se separará para sempre do "corpo carnal". Releva-se, de fato, que os numerosos "visionários" que acabam por se encontrar na cabeceira dos moribundos concordam maravilhosamente na descrição dos processos de desencarnação do espírito e da consecutiva formação do "corpo espiritual", que eles veem e descrevem em cada uma de suas fases de extrinsecação.

3) A existência de numerosíssimos casos de "Aparição de mortos no leito de morte", cuja grande eficácia teórica no sentido espiritualista é

independente das provas usuais de identificação espírita com base nas informações pessoais fornecidas pelos mortos comunicantes. E sua grande eficácia teórica emerge sobretudo da circunstância que se manifesta em condições que excluem resolutamente a hipótese "alucinatória" e "telepática"; isso porque os fantasmas dos mortos são muito frequentemente escoltados coletivamente pelos mortos e pelos presentes, e algumas vezes os presentes o veem antes dos mortos; assim como acontece muitas vezes de o paciente ver espíritos de mortos recentes em lugares distantes e dos quais todos os presentes, inclusive o paciente, ignoravam a morte. Daí se exclui a hipótese alucinatória na forma de autossugestão no morto e a telepática na forma de transmissão do pensamento da parte dos presentes.

Noto, enfim, que as hipóteses em questão vêm mais que nunca excluídos nos casos de crianças em tenra idade, os quais, encontrando-se no leito de morte de outra criança da mesma idade, viam fantasmas de mortos reconhecidos pelos parentes. É flagrante que em circunstâncias semelhantes não se poderia falar nem de alucinação nem de telepatia, visto que as crianças abaixo de cinco anos, que ignoram o que venha a ser a morte, possam autossugestionar por medo da morte a ponto de provocar em si as mesmas visões alucinatórias dos mortos, transmissíveis telepaticamente a outra criança presente. Quanto a isso, observo que a grande eficácia teórica, no sentido espírita, de tais episódios é tão evidente que se impõe ao critério imparcial do professor Richet, o qual teve a louvável franqueza de reconhecê-lo.

4) A existência de fenômenos de premonição de morte **acidental**, nos quais vem indicado à vítima o evento fatal que a espera, mas isso de maneira voluntariamente obscura e reticente, ou sabiamente simbólica, de modo a tornar impenetrável a todos, **até que o evento se realize**, o significado dos símbolos transmitidos ou das reticências propositais. Tudo isso com a clara finalidade de circunscrever a premonição nos limites de um pré-aviso à vítima para prepará-la quanto ao destino que a espera, evitando que ela compreenda demasiado e consiga se opor ao decreto do destino. Agora, como muito frequentemente esses tipos de manifestações são autopremonições, decorre o absurdo da tese sustentada pelos opositores da hipótese espírita, segundo os quais todas as manifestações premonitórias seriam devidas à faculdade subconsciente da personalidade humana. Mas, como presumir que uma personalidade subconsciente autônoma, destinada a se extinguir com a morte do corpo, esconda à própria personalidade consciente, sob o véu dos símbolos engenhosíssimos, a particularidade essencial do evento que a ameaça **e isso com a precisa intenção de deixá-la morrer e de deixar-se morrer?**

É certo que semelhante interpretação dos fatos, sendo logicamente absurda, deve ser considerada errada e excluir a si mesma; daí se trata de inferir que tais reticências inconciliáveis com a existência encarnada da personalidade humana, não só revelam a intervenção de entidades espirituais em algumas categorias de manifestações premonitórias, mas provam também como tudo isso aconteceu com **uma finalidade ultraterrena**. Isso reconduz forçosamente à

hipótese espírita. Vale dizer, à demonstração – com o auxílio dos fenômenos precognitivos – da sobrevivência do espírito humano, considerada em dois pontos de vista diferentes, que são os dois polos do Ser: o Animismo e o Espiritismo; como também reconduz à concessão inevitável da existência de uma Fatalidade superior aos destinos humanos, fatalidade **relativa**, com base na qual resultariam preordenadas as etapas essenciais de nossa existência de espírito encarnado. Segundo ela, dever-se-ia inferir que o trânsito no mundo dos viventes é uma escola e uma prova, correspondente a uma fase evolutiva do espírito.

5) A existência das "correspondências cruzadas", as quais, a seu turno, **diferenciam-se totalmente dos casos de identificação espírita fundada em informações pessoais fornecidas pelos mortos**, dado que as "correspondências cruzadas" são obra dos mortos. E, na verdade, não são projetadas pelos vivos, mas propostas pelos mesmos mortos ansiosos em conseguir de algum modo dissipar a perplexidade dos vivos em torno da realidade de sua presença espiritual no local.

Nota-se como as "correspondências cruzadas" consistem no fato de que a personalidade mediúnica comunicante, ao invés de transmitir sua mensagem com o auxílio de um só médium, subdivide a mesma em fragmentos, cada um dos quais resultam, por si só, vazios de significado, e transmite então cada fragmento singular a um médium diferente; tudo isso no mesmo dia e mesma hora, com breves intervalos entre uma e outra transmissão, enquanto os diferentes médiuns se encontram muito frequentemente distantes entre si a

centenas de milhas e, algumas vezes, residem em continentes diferentes. Somente quando os vários grupos experimentadores reúnem os fragmentos obtidos é que conseguem reconstituir integralmente a mensagem transmitida.

Tais sortes de experiências conseguiram recentemente um altíssimo significado espiritual e isso devido aos maravilhosos resultados obtidos em Boston com a médium Crandon (Margery), em Londres com a médium Osborne Leonard e em Newcastle com as sugestivas experiências do sr. Frederick James Crawley.

Para qualquer um que se ponha a investigar e comparar os agora numerosos episódios do gênero, não pode existir dúvida sobre o fato de que os mesmos provam de modo resolutivo a independência espiritual da personalidade comunicante de todos os médiuns de que se valem para fins próprios. Significa dizer que eles provam a intervenção real de entidades espirituais nas experiências mediúnicas, entidades que não poderiam não ser os espíritos dos mortos que se afirmam presentes, porquanto provem ao mesmo tempo sua identidade pessoal fornecendo minuciosamente informações sobre sua existência terrena. Daí se tem que o fenômeno das "correspondências cruzadas" se converte em uma outra prova cumulativa maravilhosa, demonstrando a existência e a sobrevivência da alma, bem como demonstrando a intervenção dos mortos nas experiências mediúnicas. Quanto a essa última observação, convém lembrar ainda mais uma vez que as "correspondências cruzadas" não foram projetadas por vivos, mas propostas pelos mortos com a finalidade de vencer a sempre renascente hesitação de muitos investigadores eminentes

quando se encontram diante da formidável questão: "Personalidades de mortos ou personalidades sonambúlicas?". E a personalidade dos mortos respondeu à questão com a prova da "correspondência cruzada", mediante a qual esperavam demonstrar, com base em fatos, sua independência espiritual de quaisquer médiuns pelos quais se manifestavam. Conseguiram? Em boa parte, sim, dado que seus esforços nesse sentido conquistam a cada dia novos adeptos da solução espírita para a grande questão; mas já se compreende que não é fácil demover o misoneísmo estabelecido, principalmente entre os homens de ciência, os quais professam opiniões materialistas durante toda a vida. Esses, ao invés de admitir a sobrevivência, preferem se associar aos complexos voos da mais desenfreada fantasia, convertendo-se em poetas da metafísica.

6) A existência de vários casos de "Aparições de mortos depois de breve ou longo intervalo após sua morte", fenômeno que, por sua vez, não tem nada em comum **com os casos de identificação espírita fundados sobre informações pessoais fornecidas pelos mortos comunicantes**, mas que vale igualmente para identificá-los. E isso sempre que os fantasmas desta natureza são vistos coletivamente e independente por várias pessoas, circunstâncias que valem para eliminar as hipóteses "alucinatória" e "telepática".

7) A existência de casos em que o morto revela incidentes que não são pessoais, no verdadeiro sentido do termo, mas que de alguma forma lhe concernem, realizados após sua morte **e, assim, são ignorados por todos os vivos**, o que não se poderia explicar nem com a telepatia, nem com a telestesia, nem com a psicometria.

8) A existência de vários casos em que os mortos conseguem se "materializar" perfeitamente, tornando a ser o personagem vivo de antes, e continuando a se materializar por anos, submetendo-se a todas as medidas de controle requeridas pelos métodos de investigação científica.

E, nesses últimos tempos, aos casos clássicos de tal natureza, um outro se acrescenta, que a todos iguala pelo rigor dos métodos científicos com os quais foi controlado, assim como iguala pela reiteração das manifestações, as quais se renovaram e se renovam há alguns anos, enquanto pela natureza exemplar da identificação pessoal reina a comparação com o caso clássico de Estella Livermore. Reservo-me a citá-lo na íntegra mais adiante.

Essas são as principais categorias de provas que demonstram a sobrevivência humana, as quais **são independentes das provas de identificação espírita fundada em informações pessoais fornecidas pelos mortos**; e não se pode negar que tal enumeração basta para demonstrar a inanidade da objeção adversária contra a validade científica e filosófica dos casos de identificação espírita fundados no critério de prova em questão, visto que fora do critério é igualmente possível demonstrar, com base nos fatos, não já apenas a existência de sobrevivência do espírito humano, mas o fato preciso das frequentes manifestações de espíritos de mortos em ambiente terreno. Naturalmente, no presente trabalho, abstenho-me de me

ocupar das quatro primeiras categorias de provas enumeradas, tendo-o feito amplamente em outros trabalhos. Limitar-me-ei a considerar brevemente as últimas **quatro** categorias, acrescentando às mesmas outra variedade pouco comum de episódios teoricamente importantes, **nos quais a prova não depende de informações pessoais fornecidas pelos mortos**; ou, nos quais as informações pessoais se constituam o lado teoricamente menos importante desses episódios.

Por conseguinte, fica entendido que, para a solução do debate em torno da identificação espírita cientificamente entendida, proponho-me no presente trabalho a por temporariamente de lado – como se não existisse – toda imponente casuística em que os mortos provaram sua identidade fornecendo muitas informações pessoais de todo tipo, muito frequentemente ignoradas por todos os presentes, e algumas vezes ignoradas por todos os vivos, mas verificadas como verdadeiras, para me ocupar apenas de uma breve, mas suficiente, exposição de outras modalidades parecidas de manifestações pessoais com as quais os mortos conseguiram igual e resolutamente provar sua presença real.

Caso I – Começo com um episódio familiar a qualquer pessoa que se ocupe de investigações psíquicas, dado que do mesmo tenha origem o moderno movimento metapsíquico-espírita. Vale dizer, começo de um caso de identificação espírita no qual as irmãs Fox foram médiuns; caso em que recentes eventos ocorridos na casa onde elas habitaram conferiram um valor teórico notabilíssimo, tornando-o também útil para a presente resenha, na qualidade de **episódio em que as informações pessoais fornecidas pelo morto constituem o lado teoricamente menos importante do episódio**, enquanto que a particularidade mais sugestiva constitui-se em uma informação errada, fornecida pelo morto. Resumo o notável caso, acrescentando, no entanto, informações ignoradas por muitos.

"Nos anos de 1843-1844, no vilarejo de Hydesville (Estado de Nova Iorque), certo casal C. Bell morava em uma casa a pouca distância do vilarejo. Um dia, passou ali um mercador ambulante, a quem o sr. Bell ofereceu hospitalidade por alguns dias. No dia seguinte, a senhora Bell teve de se ausentar por três dias, levando consigo a doméstica. O senhor Bell e o ambulante ficaram sós, na casa. Desde aquele dia o mercador não foi mais visto, mas ninguém deu falta dele.

"Alguns meses depois, o casal Bell saiu às pressas da casa, que no ano de 1847 foi alugada pelo casal Weekmann, que não tardou a perceber que na nova casa não se podia ter paz, e isso por causa de misteriosas pancadas noturnas, batidas nas paredes. Os golpes foram atribuídos a brincadeiras de mal gosto, feitos por alguém da vizinhança. De todo modo, como não conseguiam descobrir o culpado

e sua saúde estava prejudicada por noites insones, apegaram-se à ideia de partirem.

"No mesmo ano de 1847, o casal Fox, com as duas filhinhas: Margaret e Kate – a primeira com quinze anos e a segunda com onze -, alugaram a casa. Chega a vez deles de ouvir golpes à noite, batidas, ruídos que não conseguiam compreender, seus esforços para descobrir o culpado sempre foram em vão. Seguiram outras manifestações de assombração, entre as quais a mais impressionante consistia no eco rumoroso de uma cena trágica que se passava invisível diante deles e de que podiam acompanhar todas as fases: no coração da noite, sempre na mesma hora, eles eram despertados pelo eco de uma furiosa luta entre dois indivíduos, à qual sucedia um som de garganta cortada e simultaneamente se ouvia o ruído de sangue que jorrava pelo chão. Logo depois, o som de um corpo humano que se debatia no chão. Depois, parecia que alguém arrastava um corpo inanimado através do quarto e abaixo pela escada da adega. Então, ressoavam os golpes de uma picareta que escavava o terreno, de um martelo que batia sobre uma peça de madeira, de uma pá que remexia a terra. Depois, novamente o silêncio.

"Numa sexta-feira, 31 de março de 1848, por volta das onze, Kate Fox, a qual estava familiarizada com as manifestações, teve a ideia de dar a palavra ao autor dos golpes misteriosos e assim lhe falou: O senhor de pé bifurcado, tente repetir o que eu faço. A resposta veio logo: o operador invisível deu tantos golpes na parede quanto o número de estalos que a menina fazia com os dedos. Esta ainda repetiu a prova, mas sem produzir ruído; e, para seu grande espanto,

o misterioso operador repetiu igualmente tantos golpes quanto o número de movimentos silenciosos feitos pela mão dela. A menina exclamou: - Olha, olha, aqui há alguém que **vê** e **ouve**!

"Não tardaram a estabelecer comunicações regulares com o misterioso hóspede invisível, por meio da tiptologia alfabética. O hóspede aproveitou para informar que ele era o espírito de um homem assassinado naquela mesma casa há cinco anos, por uma pessoa que ali morava, que se chamava John C. Bell. Disse que ele era um vendedor ambulante chamado Chas B. Rosma, casado e com cinco filhos, assassinado aos 31 anos de idade ao ter a soma de 500 dólares roubada. Acrescentou ter sido enterrado na adega, a dez pés de profundidade, indicando o ponto em que se deveria escavar para encontrar sua ossada.

"O local indicado foi escavado e, quando se alcançou a profundidade sinalizada pelo espírito comunicante, encontrou-se um feixe de lenha, abaixo do qual existia um espaço vazio, no qual fragmentos de uma tigela, muita cal, carvão, cabelo humano, alguns ossos (que foram examinados por peritos médicos e declarados humanos), e um fragmento de crânio".

Este é o resultado das investigações realizadas. Emma Hardinge, em sua história: **Modern American Spiritualism**, observa: "A presença de restos humanos na adega já provava que **alguém** foi enterrado ali e a presença de muita cal e carvão testificava que alguém se propunha a fazer desaparecer os traços de um enterro misterioso".

Tudo isso parecia não deixar dúvidas e já era suficiente para convalidar, com base em fatos, o trágico evento narrado pelo espírito comunicante.

"E eis que depois de 56 anos, quando ninguém mais pensava em voltar àquele primeiro episódio de identificação espírita, na adega daquela casa aconteceu algo que vai lançar nova luz aos eventos.

"No ano de 1904, na adega em questão, uma parede caiu de repente e então percebe-se que se tratava de uma parede falsa, construída a cerca de 80 centímetros da parede verdadeira daquele lado da casa. E, no espaço interposto encontrou-se um esqueleto humano, vizinho ao qual havia uma caixa metálica, para ser levada nos ombros, como faziam os vendedores ambulantes. Aquela caixa valia maravilhosamente para identificar o esqueleto encontrado. Resumindo: o espírito valente de Hydesville tinha dito a verdade: ele foi assassinado naquela casa e sido enterrado naquela adega!

"Além disso, o memorável incidente, considerado com os resultados obtidos nas escavações realizadas 56 anos antes, fez reconstruir os fatos no sentido de que o assassino do mercador ambulante, em um primeiro tempo, tinha efetivamente enterrado o cadáver no local indicado pelo espírito, para, então, algum tempo depois, agarrar-se à ideia de remover o cadáver do buraco em que se encontrava, para escondê-lo, junto com a caixa, atrás de uma parede falsa, propositalmente erigida. E isso claramente temendo que se se suspeitasse de um delito o juiz teria ordenado uma escavação na adega".

E agora que o evento ocorrido em 1904 colocou em grau de reconstrução com plena segurança as formas pelas quais os fatos se desenvolveram, vêm à mente uma outra questão a resolver, a qual se refere ao erro cometido pelo espírito comunicante ao indicar o lugar onde teria sido colocada sua ossada. Viu-se, de fato, que ele, ao invés de indicar o ponto onde seu esqueleto efetivamente se encontrava, cometeu o erro de indicar o ponto onde seus restos foram enterrados, mas não estavam mais. Agora: do ponto de vista metafísico, tal erro coopera para um valor teórico notável sobre a interpretação espírita dos fatos, porquanto valha para excluir a única hipótese com a qual se poderia explicar naturalisticamente, enquanto resulta racionalmente explicável com a hipótese espírita. Se se considera, de fato, que se quisesse explicar o incidente em questão com poderes inerentes à faculdade subconsciente da menina-médium que ali morava, ou seja, com a faculdade da "visão através de corpos opacos" (**telestesia**), em tal caso é evidente que sua faculdade sobrenatural clarividente deveria ter **percebido** o local onde se encontravam o esqueleto e a caixa, e jamais ter se enganado indicando um ponto onde **não se encontram**. Tendo em conta, portanto, que o erro no qual cai a personalidade mediúnica aparece inconciliável com a "telestesia", obtém-se que a hipótese em questão estando em contradição com os fatos, deve ser excluída. E, assim sendo, resta apenas a hipótese espírita à disposição do investigador, o qual deveria inferir que o espírito comunicante indicou o ponto em que foi sepultada sua ossada, porque tal particularidade constituía a última recordação de sua existência terrena. O local para onde foi

transferida sua ossada, tendo ocorrido muito tempo depois de sua morte, ele – como espírito – ignorava.

Por outro lado, provou-se que ele recordava *post-mortem* a trágica cena do próprio sepultamento, visto que na noite, na hora do delito, ele a reproduzisse insistentemente diante dos moradores da casa, na forma de uma sucessão de manifestações fônicas, nas quais se notavam os golpes de uma picareta que escavava o terreno na adega, de um martelo que batia em uma tábua de madeira, de uma pá que remexia a terra.

Estou satisfeito em ver que o prof. Stanley De Brath, discutindo o incidente em questão, adere a minha conclusão. Ele observa:

"Caso a informação tivesse origem **subjetiva**, dever-se-ia racionalmente presumir que o subconsciente da médium deveria conhecer onde realmente estava o cadáver. Em outras palavras: na hipótese animística-clarividente, a descoberta do ponto onde se encontrava o cadáver teria sido o primeiríssimo incidente sobrenatural realizado.

Na hipótese espírita, ao contrário, é racional presumir que o sepultamento na adega devia corresponder à última recordação terrena do assassinato. E caso se admita que seu espírito seja sobrevivente, então não se saberiam as razões plausíveis para exigir que ele fosse conhecedor do fato de que sua ossada, depois de transcorrido algum tempo, tivesse sido removido da cova em que se encontrava e tivesse sido depositado dentro de uma parede falsa" (**Light**, 1927, p. 51).

Estando as coisas nesses termos, estamos racionalmente autorizados a afirmar que, no caso exposto, e do ponto de vista da hipótese espírita, o erro em que cai o espírito comunicante é teoricamente mais importante do que a própria informação verídica por ele fornecida para a própria identificação pessoal.

De um ponto de vista diferente, e a título de prova complementar, não será inútil observar que, no caso exposto, mesmo a hipótese segundo a qual os fenômenos de assombração ocorridos naqueles locais deveriam ser atribuídos à presença de uma médium, sem necessidade de intervenções extrínsecas, vem excluída da consideração de que os fenômenos em questão já eram extrínsecos naqueles locais há alguns anos, quando a família Fox foi morar ali. Na verdade, o casal Bell saiu dali por causa dos fenômenos em questão, e a família Weekman deve ter feito a mesma coisa. Assim, fica evidente que as manifestações de assombração não eram consequência da mediunidade das irmãs Fox, enquanto a consideração de que as manifestações eram iniciadas de improviso, depois de um assassinato ocorrido naqueles locais, conseguia atribuir razoavelmente a origem à intervenção do espírito assassinado, o qual se propunha, com isso, a atrair a atenção dos presentes, na esperança de conseguir se comunicar com eles, quando revelaria o delito e o delinquente, como de fato o fez. E de onde, também, se considera que de tal memorável evento daria início o grandioso e atual movimento metapsíquico espiritualista, conduzindo-se à inferência de que o espírito do assassinato, enquanto se manifestava como podia para alcançar o próprio objetivo, serviu, também,

inconscientemente, nas mãos de entidades espirituais superiores, as quais sabiam o que ele queria.

Observo, ainda, como nem com a hipótese da "clarividência telepática" entendida no sentido da "leitura à distância da consciência do assassino" poderia explicar o caso em exame, visto que em tal contingência, a médium Kate Fox teria percebido, e conseqüentemente, revelado o fato do assassino, o qual tinha ocultado atrás de uma parede falsa o cadáver do assassinado, e com ele a caixa do mercador ambulante.

Apresento, enfim, a título de exercício para teorizações impenitentes, que o incidente do erro em que cai o espírito comunicante reveste de tal eficácia teórica de modo a fazer triunfar maravilhosamente também a hipótese ora discutida, em torno da presumível existência de um "reservatório cósmico de memórias individuais", as quais atingiriam a médium quando se pôs a falar em nome do morto. De fato, é evidente que o valor teórico do erro em discussão é totalmente estranho à existência ou não de um "reservatório cósmico" da natureza exposta; daí é também evidente que um **erro**, enquanto um **erro**, existe somente no momento em que alguém o comete ou o revela; o que significa que antes não existia em parte alguma e, sendo assim, então a médium não poderia encontrá-lo registrado no "reservatório" e, conseqüentemente, não poderia cair no erro.

Ao contrário, observo que se tal "receptáculo cósmico" existisse realmente, nesse caso deveria encontrar registrado no mesmo as ações do assassino no momento em que esconde atrás da parede falsa o esqueleto e a caixa, de modo que, se a médium tivesse

entrado em relação com o "receptáculo", **não teria se enganado**. Ora, essa última observação reveste de tal eficácia demolidora em relação à hipótese do "reservatório cósmico", que se pode afirmar que se toma a hipótese em flagrante prova de nulidade.

Quanto à outra hipótese, segundo a qual "sobreviveria por breve tempo um simples 'Fator Psíquico' que, combinado ao organismo de um médium, tornar-se-ia temporária e rudimentarmente consciente", o que explicaria os casos de identificação espírita, os quais seriam, ao contrário, simples contatos com um terceira personalidade efêmera, destinada a existir pelo tempo de duração da sessão, personalidade que não seria a da médium, nem a do morto, mas uma terceira entidade criada pela combinação temporária de um "fator psíquico" que vaga pelo espaço, reunindo-se com o organismo temporariamente vago de um médium em "transe". Quanto a essa hipótese infalível, observo de antemão que, se assim o fosse, então no caso em exame o fator psíquico devia se encontrar ainda existente depois de transcorridos cinco anos e, em casos análogos, mesmo depois de um século. E se se tratasse de um "puro elemento psíquico inconsciente", então não teria podido saber nada do que ocorreu depois de sua morte, a começar pelos detalhes de seu sepultamento na adega, e não se explicariam os fenômenos de assombração iniciados naquela casa depois de consumado o delito, o que persistiu por cinco anos. Aí, depois de ser a causa da mudança de duas famílias, acontece a chegada da terceira família, o "fator psíquico inconsciente" autor dos fenômenos consegue alcançar o objetivo de revelar aos vivos que foi assassinado naquela casa, fornecendo o

nome do assassino. Isso, segundo meu modesto parecer, significaria que pelo não breve período de cinco anos o pretense "fator psíquico **inconsciente**" se demonstrava de tal modo ciente do que fazia e do que queria a ponto de alcançar plenamente seu objetivo. E não me parece acrescentar outro.

Concluindo: esse primeiro episódio de identificação espírita, com o qual teve início o imponente movimento moderno metapsíquico espiritualista, é literalmente invulnerável aos ataques de todas as hipóteses até o momento cogitadas para explicar naturalisticamente os casos de identificação espírita. Nem a telepatia propriamente dita, nem a "clarividência telepática", nem a "telestesia", nem a "criptomnésia", nem a "psicometria", nem a hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais", nem a do "Fator Psíquico", nem todas essas hipóteses conjugadas conseguem afetar a intangível firmeza. Agora, tudo isso equivale ao reconhecimento de que esse caso poderia bastar por si só para demonstrar a existência e a sobrevivência do espírito humano. Sendo assim, chamo de modo especial a atenção dos teóricos impenitentes no campo adversário, como também chamo os irreduzíveis proponentes do materialismo científico e, enfim, chamo de modo particular os valentes críticos da **Revista Metapsíquica** – senhor Charles Quartier –, a qual, no número de setembro-outubro de 1928 (p. 433) da revista em questão, e a propósito dos casos de identificação espírita, observa o que segue: "Quanto a mim, não conheço uma única experiência decisiva a esse respeito, ou seja, uma experiência que não somente

possa ser interpretada com a hipótese espírita, mas sobretudo **que não possa ser interpretada senão com a hipótese espírita**".

Aqui o serviço: o caso exposto é já um dos **que não podem ser interpretados senão com a hipótese espírita**. Os casos que seguem são, por sua vez, tais quais o exposto; e nas monografias que publiquei são revelados outros tantos, a centenas.

De todo modo, para não confundir o critério dos opositores com a imposição de uma tarefa demasiada onerosa, limito-me por ora a apresentar a seu juízo o caso exposto, convidando-lhes gentilmente, em homenagem à pesquisa imparcial da Verdade pela Verdade, a fazer o melhor de si para dispor de uma hipótese naturalística capaz de interpretar o presente caso **em cada modalidade de extrinsecação**. Esse é o meu desafio; mas tenho razão em duvidar que ninguém ousará acatá-lo, já que apesar da alada fantasia particular aos proponentes da gênese subconsciente de todo mediunismo, a tarefa de conceber a hipótese que eles se colocam parece literalmente desesperada.

Caso II – O caso seguinte é análogo ao precedente, pois o morto comunicante revela uma particularidade ignorada do próprio sepultamento. No entanto, tem a diferença de que a particularidade revelada pelo morto não é parcialmente errônea, mas plenamente verdadeira, de modo que resulta igualmente de natureza tal a não se poder elucidar com nenhuma hipótese naturalística.

Extraio o caso do **Journal of the S. P. R.** (1918; p. 366-7). O professor Lawrence Jones escreve nesses termos à direção da "Society S. P. R.":

"Recentemente tive o privilegio de conversar com o prof. Bergson sobre a pesquisa psíquica.

"Entre outras coisas, discutimos sobre provas de identificação espírita. O prof. Bergson é de opinião de que a S.P.R. ainda não percorreu muito da estrada nessa direção. Segundo ele, a hipótese de William James sobre a presumível existência de um "reservatório cósmico das memórias individuais", do qual os médiuns alcançariam suas informações, não pode ser completamente excluída na validação de provas, embora pessoalmente ele não a acolha.

"Então, expus a Bergson o caso seguinte, que lançou sobre ele profunda impressão, posto que me dissesse que se se conseguisse estabelecer a autenticidade em bases inabaláveis, ele o teria considerado como uma das melhores provas, por ele conhecida, sobre a demonstração da sobrevivência; e isso porque o caso consistia na **correção de um erro ignorado por todos os vivos**. Ora, filosoficamente falando, um erro de tal natureza não existe: não é

nada. Assim sendo, não poderia sequer encontrar lugar em um "reservatório cósmico das memórias individuais".

"Declaro sinceramente que até aquele momento, eu jamais tinha pensado no excepcional valor teórico do caso por mim conhecido; e por isso me disponho a relatá-lo aqui, na esperança de que se consiga, embora seja tarde, documentá-lo como convém, tornando-o cientificamente válido.

"Há mais ou menos quinze anos, o meu irmão falecido – Herbert Jones – era bispo de Lewes e arcediogo de Chichester. Em uma de suas visitas pastorais no condado de Sussex, ele pernitoou uma noite em um presbitério no qual o velho pastor lhe contou o seguinte fato:

"Um velho cavalheiro, que tinha feito fortuna comerciando no Oriente, veio a se estabelecer em sua paróquia e morreu ali após breve tempo. "Sobre seu túmulo foi posta uma bela pedra sepulcral.

"Depois de algum tempo sua família mudou de casa, indo se estabelecer longe do presbitério.

"Um dia, o genro do morto veio encontrar o pastor da paróquia e lhe contou que sua mulher sofria por conta de um sonho recorrente, no qual seu pai aparecia, reclamando que sua pedra sepulcral foi posta em cima do túmulo de outra pessoa.

"Logo foi chamado o coveiro e lhe foi perguntado se seria possível tal erro. – Impossível – ele respondeu, - e eu posso afirmá-lo categoricamente, porque meu irmão morreu logo depois do senhor X., e foi sepultado no túmulo vizinho. Então, eu não poderia me confundir de túmulo quando coloquei a pedra sepulcral no túmulo do sr. X.

"O genro do morto ficou plenamente satisfeito com a resposta e se foi. Mas, poucos dias depois, retornou para informar ao pastor que o sonho recorrente de sua esposa continuava com uma insistência impressionante, de modo que ele temia que acabasse por fazê-la perder a razão.

"Recorreu-se às autoridades superiores, que deram permissão para que procedessem com a exumação do cadáver.

"Quando se abriu o túmulo, observou-se que a pedra sepulcral foi posta em cima do túmulo do irmão do coveiro!

"Logo foi corrigido o erro e desde aquele dia cessaram os sonhos assombrosos da filha do morto".

Espera-se que se consiga convalidar com o testemunho de pessoas que pertencem à família indicada o episódio exposto, o qual parece, a seu turno, teoricamente tão eficaz a ponto de triunfar mesmo sobre a hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais" e do "Fator psíquico inconsciente vagante no espaço". Mas, ainda que não se consiga convalidá-lo suficientemente, observo que o episódio precedente, como todos os outros que seguirão, entram na ordem dos episódios que sustentam a hipótese em questão. E, desde que estes resultam rigorosamente documentados, seguindo a norma do critério justo enunciado pelo prof. Bergson, devem bastar para demonstrar cientificamente a sobrevivência.

Quanto ao caso em exame, observo que nele é particularmente notável a circunstância da insistência com a qual o sonho se repetiu tanto antes quanto depois da certeza dada pelo coveiro sobre a impossibilidade de semelhante erro e da condenação feita pelo marido

da sensitiva, como é igualmente notável a outra circunstância complementar da cessão imediata do sonho específico tão logo retificado o túbulo paterno. Todas as circunstâncias convergem eficazmente no sentido da demonstração da natureza positivamente extrínseca da reincidência dos sonhos sempre idênticos, mediante os quais, presumivelmente, o pai morto não se propunha apenas a retificar o erro involuntário do coveiro, mas sobretudo fornecer à filha uma prova incontestável da própria sobrevivência.

Essa última consideração me lembra um episódio análogo ocorrido com o célebre médium D. D. Home, onde a personalidade comunicante, depois de se queixar do fato de que um caixão foi sobreposto ao próprio caixão (o que era verdadeiro), na sessão seguinte apressou-se em dizer que o incidente não lhe interessava em absoluto, mas que o tinha revelado, porque ignorado por todos, com o único objetivo de "provar sua presença real no lugar, de uma vez por todas". Não reproduzo o episódio porque o coveiro tinha agido conscientemente, e, conseqüentemente, havia no mundo uma pessoa que conhecia o fato.

Caso III – Eu o extraio da **Revista Espírita** (abril, 1921). Camillo Flammarion refere o episódio que segue, que ele conseguiu documentar perfeitamente, e que parece um episódio teoricamente muito importante.

Flammarion observa:

"No caso seguinte, como em tantos outros, sinceramente não conseguimos imaginar outra explicação possível que não a que se dirige a uma ação pessoal do morto; e eu agradeço a observadora por ter me autorizado a publicar seu relato eloquente, a edificação de todos aqueles que ansiosamente procuram resolver o maior dos problemas. Em 7 de fevereiro, 1921, chega para mim, em Paris, a seguinte carta: "Querendo contribuir para a documentação da importantíssima investigação que iniciastes, disponho-me a apresentar-vos os dois episódios que seguem, e que me são pessoais.

"Em 2 de setembro de 1916, entre as 10 e 11 da manhã, eu me encontrava no quarto, ocupada com a minha "toilette", quando fui tomada de um sentimento terrível de depressão moral, com acessos de sufocamento. Aquilo que me atingia era de tal modo penoso que, semivestida, apoiando-me nas paredes para não cair, fui ao quarto de minha filha, gritando: - Estou mal! Estou sufocando! - As boas palavras de minha filha conseguiram mitigar meu estado de ânimo e então exclamei: - Meu deus! Nesse momento aconteceu alguma desgraça com meu Renato!

"Dois dias depois, em 4 de setembro, o Comandante Duseigneur, dirigente da 57ª esquadrilha, participava que nosso adorado filho, piloto de avião, havia falecido na linha alemã, após um combate

aéreo, sobre Verdun, no mesmo dia e hora em que fui tomada de tremendo mal estar.

"Depois do armistício, vim saber pelo comando alemão que meu filho foi abatido em sua linha, no dia 2 de setembro, em Dieppe, perto de Verdun, e foi sepultado no cemitério militar de Dieppe, Túmulo 56. Fizemos quatro viagens e inumeráveis buscas naquele cemitério, onde encontramos apenas dois franceses, sem nada descobrir. O terreno estava remexido pelas bombas e as cruzes estavam, em sua maioria, abatidas. Assim, voltamos ao oficial daquele setor, encarregado de transportar para outro lugar os corpos ali enterrados, pedindo a ele que dissesse o dia em que desenterraria os corpos. Tudo isso aconteceu na primavera passada.

"No dia 25 de maio, às 8 horas e meia, fui tomada por um sentimento de melancolia que jamais senti e isso sem nenhuma razão plausível. Com o objetivo de me livrar daquele estado de ânimo, fui à janela, voltando o olhar para a Ribéra, com um conjunto de árvores fechadíssimas e uma faixa de céu. "De repente, no meio das árvores, aparece Renato: o meu filho! Seu belo rosto estava pálido e triste; eu o via como se enquadrado em um grande medalhão, ao lado dele estando dois jovens: um à direita, outro à esquerda. Eu não os conhecia, jamais os tinha visto. Impressionada com a visão, saí da janela com a cabeça entre as mãos e temendo perder a razão. Dei algumas voltas no quarto, mas depois tornei a me aproximar: a visão ainda estava lá! Não havia dúvidas: tratava-se do meu Renato! Ele estava com a cabeça inclinada para a esquerda, como costumava fazer em vida. Mas quem eram os outros dois jovens? O da direita

parecia um russo; o da esquerda, um alemão. O que pensar? Meu filho, então, não estava morto? Era apenas um prisioneiro?

"Terrivelmente impressionada, saí novamente da janela, correndo em busca de meu marido; mas chegando à soleira da porta, parei, pensando: "Não, melhor não dizer nada; vai pensar que estou louca. Ficará seriamente preocupado". Mas, o que fazer? Voltei à janela: a visão se mantinha inalterada! Desta vez, sentei no peitoril da janela, firmemente decidida a permanecer perto do meu Renato enquanto persistisse sua manifestação... Mas, o que me aconteceu? Senti como se eu voltasse para dentro de mim... Estaria sonhando? Ou realmente passei por um período de inconsciência? Eu não via mais meu filho! Levantei penosamente, saindo da janela e olhando a hora: eram dez e meia.

A manifestação tinha persistido por duas horas! Perturbadíssima, tomada pela emoção, quis deitar, mas não consegui pegar no sono e não ousei falar com meu marido sobre o ocorrido. Mas, o que significava aquela visão? Eu não parava de me indagar.

"Alguns dias depois contei tudo a três amigas, que poderão dar seu testemunho, se o desejar.

"Passaram três meses... Depois, no final de agosto, o oficial do setor, em resposta a uma carta urgente de meu marido, informou que os corpos sepultados no cemitério de Dieppe foram transportados para outro lugar e que o corpo de nosso filho não foi encontrado. Ficamos fulminados pela dor. Mas, então, não saberemos o que aconteceu a nosso filho! Senti-me tomada pelo desespero! Depois de alguns dias de tremenda depressão, me recompus e declarei querer voltar ao

cemitério de Dieppe. Era uma ideia fixa. Meu marido buscava me dissuadir, dizendo com toda razão que nada tendo sido encontrado quando os corpos estavam no cemitério, nada poderíamos esperar encontrar agora que no cemitério não havia mais corpos. Ninguém me convenceria. Vendo que eu estava decidida, meu marido terminou por ceder em me acompanhar. Partimos no primeiro dia de setembro.

"Fomos direto ao setor de Eix. Ali, perguntamos quando os corpos foram removidos. O oficial, consultando os registros, respondeu: a operação durou cinco dias (eram 110 corpos): de 20 a 25 de maio. Agora, esta última data era precisamente **a data da minha visão!** Olhei para meu marido, porque felizmente eu lhe pus a par de tudo, depois. Tal coincidência de data deu ânimo aos dois. Partimos para fazer nova busca pelo cemitério, que estava cinco quilômetros.

"Durante a viagem, pensei que meu marido tinha, infelizmente, razão: o que procuraríamos em um cemitério sem corpos? Chegando ao destino, eu disse aos homens que cavassem em uma cratera de obus, pensando que provavelmente ninguém tinha procurado corpos naquele local. Apareceu um par de óculos de aviação. Retomei a coragem: sem dúvida um avião estava enterrado naquele ponto. Continuaram a escavar. Nada, absolutamente nada. Ao final, um pequeno soldado, muito inteligente, pegou a planta do cemitério e seguiu escrupulosamente as indicações. Chegamos, assim, a uma fossa vazia, onde encontramos um grande pedaço de pele de casaco, que eu logo reconheci. Depois, encontramos luvas e fragmentos de suspensórios de seda... Não havia mais dúvidas: meu filho ficou enterrado naquele ponto! – Para onde o levaram? – perguntei. – Para

o cemitério alemão, na rubrica "Desconhecido", com uma cruz preta sobre o túmulo. – Imediatamente, sem demora, quis ir para o local: não queria que meu filho ficasse em um cemitério alemão. Mas o oficial se negou, dizendo que não poderia assumir a responsabilidade de fazer desenterrar corpos dentro de caixões. – E, depois, – acrescentou – como esperar encontrá-lo, uma vez que no cemitério alemão há 2.000 túmulos? – Verdade: eu concordava, mas estava mais do que resolvida a tentar. Voltamos a Verdun, a 18 quilômetros e pedimos ao comandante o serviço de sepulturas. Depois de uma longa discussão, e diante de nossa atitude resoluta e ameaçadora, ele cedeu, autorizando que se iniciasse a busca.

"Amanhã, às cinco da manhã, estávamos no local, com nove homens e vários soldados. Ao meio-dia, tinham sido abertos vinte caixões, sem resultado. Os homens foram almoçar; nós ficamos no local, desolados, pois começávamos a perder as esperanças e a ideia de deixar nosso filho em um cemitério alemão nos desesperava. Nesse momento, de repente **me veio à cabeça a recordação de minha visão**. Com ela, um raio de luz reveladora me atravessou a mente e eu exclamei: - Mas, sim, o encontraremos. Ele jaz entre um russo e um alemão. No cemitério de Dieppe havia um russo. Vamos procurar o russo.

"Os homens retornaram e se colocaram a trabalhar. Nesse meio tempo, procuramos o túmulo do soldado russo. A cada trecho, éramos obrigados a voltar para verificar cada caixão descoberto, o que retardou muito a nossa busca. Às 4 horas, finalmente, descobri o túmulo do soldado russo. À sua esquerda estava o túmulo de um

desconhecido e à esquerda do desconhecido estava um soldado alemão. Toda dúvida esvaneceu de minha alma: o soldado desconhecido era meu filho. Eu o sinto: tenho certeza... A pá removeu a terra... É ele! O pobre esqueleto do meu filho ainda estava coberto em sua pele. Apareciam retalhos de seu suspensório de seda violeta... Mas, sobretudo, eu o reconheci pelos dentes... Foram abertos 42 caixões. Eram 110 vindos do cemitério de Dieppe e, ao todo, 2.000, provenientes de várias regiões! Sem minha visão, teríamos que desistir que qualquer busca!

"Isso tudo não era maravilhoso? Meu adorado filho não quis ficar naquele cemitério; não quis me ver oprimida por essa dor excessiva e veio em meu socorro, transferindo para mim a energia necessária para vencer toda dificuldade, para superar todos os obstáculos e alcançar a meta. Além disso, agora me sinto calma e resignada, porque estou certa de que ele vive, de que ele me vê. Mas o que eu acho mais extraordinário na minha visão é a aparição dos dois jovens soldados: os vultos que eu vi eram indubitavelmente os vultos deles, como eram quando vivos!

"Como eu ficaria feliz – ó ilustre Mestre – de aprender contigo como tudo aquilo pode se realizar! Penso continuamente na visão que tive, e quando penso fico estupefata e impressionada.

"Meu marido, meus amigos testemunharão certamente quanto à escrupulosa exatidão do meu relato..." (Assinado: Mad. A. Clarinval). Seguem os testemunhos do marido da relatora, "major" de artilharia aposentado, do doutor Vercoutre, da Baronesa De Bournat, do senhor J. Dumaillet e do senhor Barbier.

Aqui não colocarei mais que uma parte do testemunho do marido. Ele escreve:

"A descoberta do corpo de nosso filho aconteceu por uma circunstância providencial: sem a visão de minha mulher, eu testifico que teria sido absolutamente impossível encontrá-lo... Testifico também quanto à escrupulosa exatidão da narrativa, acrescentando que minha mulher é de um temperamento calmo e ponderado e é sempre assim, tão normal, em cada reflexão que eu confesso ter ficado muito impressionado quando me contou ter tido uma visão que durou duas horas. E o fato é ainda mais notável porque ela jamais esteve sujeita a alucinações; e em toda sua vida – ou seja, em 63 anos – nunca teve visões de nenhum tipo..." (Assinado: Clarinval, cabo aposentado)

Dos comentários de Flammarion, extraio este trecho:

"O casal Clarinval veio me visitar para me expor suas impressões e observações pessoalmente. Trata-se, pois, de uma investigação realizada com base em métodos em uso pelas pesquisas astronômicas, meteorológicas, geológicas e históricas; e é, então, um estudo rigorosamente científico que se expõe aos leitores.

Nenhuma dúvida pode subsistir quanto à autenticidade da visão referida e a importância decisiva que teve no encontro do corpo do jovem aviador; e bem compreendemos o consolo levado a uma mãe e um pai tomados pela dor...

"Sem dúvida, ainda não estamos inteiramente satisfeitos. Queremos saber mais e perguntamos, perplexos, por que aquele simbolismo naquela visão; por que aquela aparição enigmática do filho em meio a

um russo e um alemão. Parece-nos que seria mais simples se Renato Clarinval tivesse informado diretamente a sua mãe que ele morreu em 2 de setembro e foi enterrado em tal ponto do cemitério.

"Além disso, seria também possível pressupor que a senhora Clarinval, tendo a mente voltada constantemente à memória do filho, acabou por determinar em si mesma a emergência temporária da faculdade de "vidência"; ou, mais precisamente, da faculdade de conhecer o que está à distância. E nós poderemos também presumir que tal conhecimento se concretizou na objetivação de uma cena viva, consistente na aparição de seu filho entre um russo e um alemão. Entretanto, nesse ponto, surge a pergunta: "Por que, nesse caso, ela não visualizou a realidade?". Eu já publiquei muitos exemplos de visualizações reais de ambientes à distância, que uma semelhante interpretação dos fatos no caso exposto parece muito discutível, bem como muito menos provável a ação psíquica direta do morto".

Essas últimas observações de Flammarion sobre a origem presumivelmente "anímica" da visão em jogo vieram expressas em termos muito mais explícitos pelo sr. Huber Wales, que analisou o caso no **Journal of the S.P.R.** (vol. XX, p. 347). Ele observa:

"Eu penso que o lado frágil do caso publicado por Flammarion se encontra no fato de que a informação revelada na visão se referia a um incidente **ocorrido depois da morte** do dito espírito comunicante. Daí se tem que se considerarmos o morto como autor da visão, nesse caso não apenas implicaria que ele tenha sobrevivido

à morte, mas que ele, na nova existência, tornou-se também dotado de faculdades clarividentes.

Dadas semelhantes circunstâncias, a doutrina da parcimônia na investigação das causas exige que seja acordada a preferência pela hipótese na qual se pressupõe um fenômeno de clarividência da parte do percipiente vivo. Já se supõe que, se nós sobrevivemos à morte, provavelmente seremos também dotados com a faculdade de observação do mundo físico, em muito superior à possuída pelos vivos. No entanto, tal interferência pressupõe que foi concluído um outro passo à frente na cognição da existência espiritual. Vale dizer que, no nosso caso, isso equivale a sobreposição de uma hipótese a outra, enquanto ainda resta provar a sobrevivência".

Começo por discutir a objeção do sr. Huber Wales, visto que, assim, respondo também à de Flammarion. As argumentações do crítico em questão estão revestidas, por sua própria aparência, de objeções legítimas, como ocorre com tantas outras similares, as quais, todavia, cessam tão logo se submetam os fatos à grande prova de análise comparada; prova bem pouco utilizada pelos opositores da hipótese espírita, os quais preferem formar juízo analisando casos isolados.

Viu-se que, segundo o sr. Wales, o ponto fraco do caso exposto consistiria no episódio substancial nesse conteúdo, isto é, aquele do morto que deu prova de estar a par dos eventos ocorridos depois de sua morte **e ignorados por todos os vivos**; episódio que atesta que o morto se encontrava de algum modo em relação com a própria ossada; o que – observa o sr. Wales – não é, por si, improvável e

inadmissível, mas pressupõe a sobrevivência do espírito humano; ou seja, pressupõe aquilo que constitui a questão a resolver.

Em tese geral, reconheço como legítima esta última objeção, a qual, entretanto, não permanece assim **em tese particular**, visto tão logo se submetam os casos do gênero aqui considerado aos processos da análise comparada, vêm vários episódios que, por um lado são inexplicáveis por qualquer hipótese naturalística, enquanto, de outra parte, contêm a questão dos mortos, que têm dado prova de terem assistido em espírito ao próprio funeral, ou de estarem a par do ocorrido com seus próprios restos mortais. Não é esse o momento de demonstrá-lo com base em longos processos de análise comparada, de modo que me limitarei a lembrar que nos casos anteriormente referidos já havia três incidentes do gênero: o primeiro é o do "espírito corajoso de Hydesville", que demonstra recordar perfeitamente da cena dramática do próprio sepultamento; o segundo é o do morto que revela um erro involuntário ocorrido durante o sepultamento da própria ossada, e no qual a própria pedra sepulcral foi colocada sobre o túmulo de outrem; o terceiro é o da defunta que, a seu turno, revela que há um caixão sobre seu caixão. Nos dois primeiros casos, tratava-se de eventos ocorridos pouco depois da morte dos espíritos comunicantes; no terceiro, ao contrário, tratava-se de um evento ocorrido depois de dois anos. Com base na análise comparada de numerosos incidentes do gênero, revela-se que os mortos são quase sempre conhecedores do que acontece em torno de seu corpo depois da crise da morte. Mas, como não tardam a se desinteressar totalmente por seus restos mortais, raramente estão

cientes do que intervém sobre aqueles depois de um dado tempo, salvo quando o querem por alguma finalidade.

Tudo isso é dito a título de esclarecimento teórico. Do ponto de vista rigorosamente científico, é importante destacar que no primeiro dos incidentes referidos há uma circunstância de fato pela qual se demonstra que a regra da investigação científica invocada por Wales não se aplica a todos os casos do gênero aqui considerado. Ele tinha afirmado que em semelhantes contingências, e "em homenagem à doutrina da parcimônia na pesquisa da causa", dever-se-ia considerar a hipótese da "clarividência (em forma de 'telestesia') da parte de um percipiente vivo". Porém, vê-se que a hipótese da "telestesia" deveria, ao contrário, ser excluída no caso de Hydesville, e isso por conta do erro em que caiu a entidade comunicante a propósito do local onde estava a própria ossada; erro explicadíssimo pela hipótese espírita, mas literalmente inexplicável pela interpretação telestésica dos fatos, visto que em tal caso a médium clarividente teria de ter visto o cadáver onde ele se encontrava.

Daí se tem que, em **tese geral**, o memorável caso de Hydesville, decretando causa ganha à hipótese espírita por um dos episódios indiciados pela preocupação teórica de Wales, vale restringir nos devidos limites o âmbito de aplicação teórica da regra a que se referem as mesmas preocupações: e isso é o que mais importa. Entretanto, mesmo em **tese particular**, conseguem igualmente triunfar tais preocupações, e isso com base na importante observação de Camillo Flammarion, de que as modalidades em que se declarou o episódio estão em contradição com a modalidade em que se

demonstraram os fenômenos de "telestesia", os quais consistem em uma "visão direta à distância", que permitem ao sensitivo ver objetos e ambientes naturalmente distantes, assim como observá-los com a visão do corpo. Assim, no nosso caso, se se tratasse de visão telestésica, a sensitiva deveria ver à distância a ossada do próprio filho e o local de seu túmulo no cemitério; já não sujeitar à visão de três espíritos dos mortos, pertencentes a três nações diferentes, os quais se manifestaram na ordem em que seus corpos estavam sepultados, e isso com a evidente finalidade de fornecer à mãe uma norma segura para conseguir identificar os restos mortais do próprio filho.

Flammarion se pergunta por que o filho não se manifestou por meio de um fenômeno auditivo ou psicográfico para a mãe, fornecendo assim os dados necessários para que encontrasse seu túmulo. Mas, a solução parece muito simples: se o filho não o fez, isso significa que a mãe não possuía as faculdades mediúnicas em questão, enquanto possuía a faculdade "vidente", no que se aproveitou o morto para fornecer informações há tanto desejadas; tarefa que ele desempenhou do modo mais eficaz possível para uma visão. Considera-se o fato de que ele não teria podido incrementar o objetivo fazendo aparecer diante da mãe uma parte do cemitério militar onde todos os túmulos e todas as cruzes era iguais. Ao invés disso, ele maravilhosamente se manifestou junto a dois jovens sepultados ao seu lado, os quais pertenciam a nações diversas, tendo traços característicos da raça, fornecendo à mãe um indício seguro para guiá-la na busca.

Noto que provavelmente a aparição dos três fantasmas dos mortos resultou ao mesmo tempo simbólica e verídica: simbólica em relação aos dados fornecidos; verídica em relação à intervenção espiritual dos mortos manifestados, circunstância esta que pôs a vidente intuitivamente convencida.

Resta relevar como também no caso exposto não há a menor possibilidade de fazer valer de modo algum a tão exaltada hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais". De fato, considera-se que não se trata de pensamentos, de recordações, de eventos vividos, os quais, tendo passado pela mente de uma pessoa viva, restam, hipoteticamente, eternamente registrados no "reservatório", de onde o médium o retomaria. Aqui se trata, ao contrário, de uma questão ignorada por todas as pessoas vivas, ou seja, de uma questão que não tendo passado pela mente de ninguém, não poderia se encontrar em lugar nenhum.

Como se vê, essa audaciosa teoria metafísica, com a qual os opositores da hipótese espírita tinham a intenção de demonstrar que a prova científica da sobrevivência do espírito humano era impossível, resulta, ao contrário, de uma impotência demonstrativa verdadeiramente alarmante. De todas as partes surgem eventos de identificação espírita, cuja modalidade de extrinsecação é independente da existência de um "reservatório cósmico de memórias individuais".

Igualmente, aplica-se sobre a outra hipótese, a do "fator psíquico inconsciente", o qual, mesmo se fosse combinado ao organismo da percipiente, não teria podido fazer aparecer diante dela a visão

verídica de três mortos pertencentes a três nações diferentes, sepultados lado a lado, dado que o filho morto a quem poderia pertencer o tal "fator psíquico" vaga pelo espaço, nada poderia saber em vida. Eu desafio! Como faria para prever que seria sepultado entre um russo e um alemão? E como poderia sabê-lo o seu "fator psíquico" vagante e desamparado? Francamente: essas não são hipóteses sérias, mas tolas, privadas de bom senso, que, no entanto, forçam a perder tempo discutindo-as porque são eminentes pesquisadores que a consideram, não querendo considerar a possibilidade oposta da sobrevivência do espírito humano.

Caso IV – Extraio da revista **Psychical Research**, órgão da "American Society for Psychical Research." (1931, p. 53-56)

O prof. Bligh Bond, diretor da revista, informa que o relatório do caso está devidamente assinado por todos os interessados, bem como rigorosamente documentado, mas que, por motivos inerentes à carreira militar dos protagonistas, estes desejaram que fossem publicadas apenas as iniciais de seus nomes.

O relator do caso, tenente A. M. H., pertencente à marinha militar norte-americana, relata:

"Na data de 1 de junho de 1926, fui mandado em guarnição para a Fábrica de Pólvora, situada em Maryland (Indian Head) e tomei posse da casa que me foi destinada, junto a minha mulher e dois cachorros, que me pertenciam há cerca de oito anos.

"A casa em questão era subdivida em dois apartamentos, em um dos quais havia se estabelecido há pouco tempo o tenente B. G., com sua mulher e o filho de nove anos. A primeira mulher era uma Sra. E. O., que morava em Washington.

"Em uma noite do mês de março sucessivo, eu me demorava no escritório, pouco depois da meia-noite, tentando resolver uma questão de navegação. Sentava-me de frente para a janela e meus dois cachorros dormiam um pouco afastados, na antessala. Em um dado momento, ocorreu-me de ouvir o "spaniel" rosnar, mas como ele rosnava sempre que a sentinela militar passava na frente da janela, não dei atenção. De repente, vi os cachorros atravessarem rapidamente o escritório, precipitando-se pela escada que leva ao saguão. Eles rosnaram e depois se jogaram aterrorizados pela escada

com tal fúria que acordaram minha mulher, que dormia no quarto ao lado.

"Dessa vez, fiquei surpreso com o acontecido e, levantando os olhos, vi que na antessala, ao lado da arquivolta da escada, a uns vinte e dois pés, estava um homem. A antessala não estava iluminada, mas as portas estavam abertas e a luz do escritório com a da sala adjacente convergiam, de modo que eu conseguia vê-lo perfeitamente.

"Devido às atribuições inerentes ao meu trabalho, não era raro que pessoas viessem me consultar a qualquer hora da noite, de modo que não me surpreende a presença de um homem em minha casa. Mas, ao contrário, espantava-me o modo como ele pode entrar sem se fazer anunciar. Por que não bateu na porta? Teria batido na outra porta? Eu estava irritado, mais ainda porque não conhecia aquele senhor e estava certo de que ele não pertencia à Fábrica de Pólvora.

"Fiquei uns quinze segundos a observá-lo, sem me mexer, pois parecia que ele estava prestes a falar. Depois disso, levantei-me indignado, porém, mal dei os primeiros passos e não vi mais nada a minha frente. Aquele homem não tinha saído, não tinha descido, não tinha ido nem à direita nem à esquerda, e tampouco se desintegrou: simplesmente desapareceu. Pode parecer estranho, mas não fiquei nada impressionado com o ocorrido.

"Acendi a lâmpada na antessala, inspecionei portas e janelas, encontrando-as devidamente fechadas. Desci para o primeiro pavimento, encontrando tudo em seu devido lugar. Concluí que provavelmente trabalhei demais e que minha mente desejava de

repouso tinha estado sob uma crise alucinatória. Apaguei as luzes, indo para a cama.

"Minha mulher, que foi acordada pela corrida furiosa dos cachorros, perguntou o que tinha acontecido. Naquele momento, não me pareceu certo importuná-la narrando o fato. Eu também não estava muito preocupado com a questão da minha saúde. Não havia dúvida: vi um homem que não existia, ainda que não estivesse imerso em leituras deste tipo. Ao contrário, eu estava totalmente absorto em traçar uma rota sobre o mapa do Pacífico, no qual certamente não havia figuras humanas.

"Depois de mais ou menos uma semana, por volta das nove horas, eu estava sozinho em casa, uma vez que minha mulher e os cachorros tinham saído por questões domésticas. Fui à cozinha para pegar lenha para acender o fogo no escritório e, quando voltei, estava o mesmo senhor, em pé, no meio da sala. Estávamos separados por menos que vinte pés. A iluminação era excelente e eu conseguia ver seu semblante perfeitamente. Naquele momento, não me ocorreu que ninguém poderia estar ali, mas, de todo modo, não fiquei nem um pouco impressionado. E dessa vez, também, esperei um momento, talvez outros quinze segundos. Deixei a lenha, sacudi a poeira do casaco, então dando o primeiro passo na direção do intruso, ficando a quinze pés dele, e, de repente, ele já não estava mais ali!

"Desta vez, eu estava muito certo de ter visto um homem alto, troncado, robusto, que usava uma roupa cinza, e tinha um aspecto sólido e vivo. Seu rosto era bronzeado, como de um homem do mar, exposto todos os dias ao sol e ao vento.

"Fui aos vizinhos para contar ao colega tenente B. G. o que tinha acontecido e pedir sua opinião sobre o assunto. Nisso, sua consorte entrou na sala e o marido lhe contou que eu tinha visto um fantasma de um desconhecido. Dando a descrição, a mulher ficou impressionada, mas sem nada dizer, afastou-se, retornando pouco depois com um álbum de fotografia e me pediu para examinar se não haveria alguém correspondente à visão que tive. Peguei e examinei diligentemente e, quando já tinha visto umas sete ou oito, chamou minha atenção a fotografia de um homem que tinha visto um momento antes! Não era possível ser engano: eu o teria reconhecido em uma multidão. Fiquei petrificado pela emoção, exclamando: É esse o homem! Então, quem é? – A senhora B. G. ficou muito impressionada e disse: - É meu pai e está morto há alguns anos! – Lamento a falta de tato em meu comportamento, pois a senhora B. G. ficou seriamente consternada com o evento.

"E eis que dez dias depois, às 8h30min, enquanto da cozinha eu via a sala de jantar, novamente percebi o meu homem reto, em pé, sobre a soleira da porta da frente e, quando sumiu, eu me encontrava a dez passos dele.

"Passada uma semana, por volta das dez, eu o vi pela quarta vez! Minha mulher estava no escritório: eu estava na cozinha, atravessando a sala de jantar e a despensa. A sala de jantar estava no escuro, mas a cozinha estava bem iluminada. Quando retornei e me aproximava do lado oposto à sala, fui surpreendido com uma rajada de ar extraordinariamente gélida: mas, como chovia abundantemente, pensei que a porta da adega estivesse aberta e que

a rajada gélida viesse da porta, embora se tratasse de um sopro geladíssimo, bem diferente das correntes comuns. Ao invés disso, encontrei a porta da adega devidamente fecha e, girando-me para retornar, vi o fantasma, ereto, a uns dez pés. Estava na soleira da porta que havia entre mim e a cozinha. Esta última era iluminada por três lâmpadas elétricas, uma delas de 100 velas, fixada ao teto, e duas de 40 velas, fixadas em frente à porta, sobre uma prateleira do lavatório. Ora: aquele fantasma se delineava exatamente na luz das duas lâmpadas da prateleira e me impedia de vê-las, como se se tratasse de um corpo sólido! Dessa vez, senti meu sangue gelar nas veias, mas foi coisa de poucos segundos, pois o fantasma desapareceu e voltei a ver as lâmpadas.

"Quando voltei à sala, ainda estava arrepiado e tomado de pavor.

"Daquele dia até 24 de maio, quando embarquei no navio X... (o relator se refere ao nome do navio), não vi mais nada.

"Repito que, quando o fantasma apareceu pela primeira vez, eu não estava lendo, mas estudando um mapa do Oceano Pacífico e, conseqüentemente, estava longe de pensar naquele senhor, que eu jamais conheci. Repito ainda que nas três primeiras vezes que ele apareceu, eu não tive impressões de espécie alguma.

"Há apenas uma diferença entre o fantasma que eu vi e o pai da senhora B. G: ela informa que seu pai não era bronzeado de sol, mas que, fora isso, minha descrição corresponde de modo impressionante; pela robustez, pela estatura superior à média, e sobretudo pelo semblante característico. E como encontrar razão para o fato de o corpo do fantasma ocultar as lâmpadas atrás dele? Deve haver uma

explicação natural, puramente científica, afastada das superstições vulgares para isso que me aconteceu. E se o evento está na ordem dos investigados pela "American Society for Psychical Research", ficarei muito feliz em aprender tudo o que tiverem para me ensinar.

"Estou pronto para jurar sobre a escrupulosa exatidão de tudo que disse; e espero que seja possível explicar em termos rigorosamente científicos, ou seja, naturais, a causa do evento, uma vez que não renuncio a minha firme crença sobre a existência de um mundo sem fantasmas... Naturalmente, uma convicção de toda uma vida, como é a minha, seria muito difícil extirpar. De todo modo, espero ansiosamente a interpretação desse caro Instituto científico" (Assinado: Tenente A. M. H. – em toda carta).

O diretor da revista, professor Bligh Bond, responde ao relato, nesses termos:

"Lamentamos ter de compartilhar com nosso correspondente uma explicação que poderá perturbá-lo em sua serenidade filosófica, uma vez que no relato aparecem circunstâncias semelhantes, as quais contradizem a interpretação puramente subjetiva do fantasma manifestante; vale dizer que não poderia se tratar da exteriorização de uma imagem mental. Ao excluir tal interpretação, bastaria unicamente a circunstância dos cachorros que foram os primeiros a ver o fantasma, a princípio ficando furiosos e depois amedrontados. Fora isso, há outro fato, o do corpo do fantasma impedindo que se visse as lâmpadas elétricas atrás dele; fato que, combinado a outro, muito característico de eventos semelhantes, o da gélida rajada de ar, indica que nos encontramos diante de um fenômeno de

materialização incipiente do fantasma manifesto. Daí se tem que, assim como no ambiente em que acontece uma materialização deve haver necessariamente um médium, infere-se o mesmo, ou seja, que o tenente H. tenha fornecido os fluidos e a energia indispensáveis à manifestação ocorrida.

"Tal interpretação do evento provavelmente não encontrará muito acolhimento em nosso correspondente, mas, tudo isso considerado, cremos que, se refletir sobre isso, verá que é mais racional e menos repulsivo acolher nossa interpretação rigorosamente fundamentada sobre a análise comparada dos fatos, ao invés daquela de estar suscetível a sofrer alucinações por quatro vezes".

A essa resposta do prof. Bligh Bond, e a suas explicações lacônicas, mas resolutivas, há pouco a acrescentar.

Eu me limito a completar sua conclusão racional observando que se o pai da senhora B. G. se manifestou à filha do modo indireto aqui exposto, isso significa que, não podendo se manifestar diretamente para ela porquanto ela não fosse sensitiva, percebeu, na ocasião, que na mesma casa havia um médium que ignorava sê-lo, para manifestar-se de modo tangível para ele, atingindo, assim, o objetivo de fazer com que a filha soubesse de maneira prática a grande verdade, que a "morte não existe", que a sobrevivência é um fato real e que aquilo a que se chama "crise da morte" é, na verdade, "a crise do nascimento" em ambiente espiritual.

Enfim, do nosso ponto de vista, deve-se relevar que as modalidades pelas quais se chega à identificação pessoal do morto não têm nada em comum com as modalidades criticadas pelos opositores. Vale dizer

que não se trata de **uma identificação espírita com base em informações pessoais fornecidas pelo morto comunicante**, mas de uma **quádrupla manifestação em forma objetivada da parte de um morto por ele desconhecido**, enquanto a identificação chega a ele **por meio de um retrato**.

Quanto à hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais" e do "fator psíquico que ao se fundir com o organismo do médium se reanima em uma existência efêmera", compreende-se que estas não têm nada em comum com as **aparições positivamente objetivas** aqui consideradas.

Caso V – O episódio seguinte está publicado na revista psíquica alemã **Zeitschrift für Seelenleben**. Eu o extraio da Light (1939, página 404).

O sr. Max Mueller, industrial alemão, que tinha lutado na guerra de 1914-18 com a patente de capitão conquistada em combate, relata o seguinte episódio dramático, pelo qual passou:

"Eu e Paolo Driesch crescemos juntos, fomos colegas de escola por toda a vida estudantil e, quando veio a guerra, tivemos a sorte de sermos mandados para o fronte juntos. Por quatro anos, passamos a guerra com ferimentos superficiais e sem importância. Éramos companheiros inseparáveis e nossa amizade, reforçada pelos perigos que permanentemente nos rondavam, tornou-se um vínculo extraordinário, de puríssimo amor.

"Em julho de 1918, um dia desastroso, no qual minha divisão recuou diante da pressão do exército do marechal Fox, percebi que o amigo Paolo não estava mais conosco. Voltei rapidamente, abrindo caminho com dificuldade naquela confusão de soldados em retirada. Alcancei a cerca de nossa defesa e então vi meu pobre amigo gravemente ferido, preso de modo inextricável entre as espirais emaranhadas da cerca desfeita. Decidi socorrê-lo a todo custo, apesar do tremendo bombardeamento que se lançava ao exército em retirada. Quando meu amigo percebeu que eu me movia para a cerca em seu socorro, reanimou-se em um sorriso melancólico e em uma voz fraca murmurou: - Imprudente! Para que duas vítimas ao invés de uma?

"Eu continuava a lançar golpes contra aquele tremendo emaranhado de fios cortantes, enquanto os "sharpnels" assobiavam sobre minha

cabeça e explodiam em volta estrondosamente. E então, um clarão cegante, um violento choque no corpo: agonia, escuridão, inconsciência...

"Quando voltei a mim, percebi que eu estava envolto em ataduras, imobilizado, dolorido, em um hospital do campo francês...

"Alguns meses se passaram até que eu conseguisse sair da cama. A guerra tinha terminado e chegavam os prisioneiros libertos... Nenhuma notícia do meu pobre amigo... Eu tinha de me resignar em retomar a vida privado daquele a quem me sentia vinculado por um amor espiritual que não se encontra igual em tempo algum...

"Cinco anos depois, eu viajava em um trem expresso e colava meu rosto à janela, contemplando um magnífico panorama campestre, enquanto meus dois companheiros de viagem estavam imersos em um sono profundo. Fazia um calor terrível naquela cabine apertada, quando me senti tocado por uma brisa rodopiante, de um vento gélido. Virei-me e, na soleira da porta que dá para o corredor, vi o meu Paolo, que me olhava fixamente e sorria. Fiquei estático e a emoção foi tamanha que me tirou as palavras. Então, ele teria sido encontrado, tratado, curado? Mas por que não tinha voltado para casa? Teria ficado por anos, como tantos outros, em condição de "desmemoriado"? Antes que eu tivesse conseguido falar, ele fez um aceno característico com a cabeça, que significava: "Vem comigo". Levantei-me de pronto e fui atrás dele pelo longo corredor. Mas, quanto mais eu apertava o passo, mais ele corria e, quando chegamos ao fundo do trem, não o vi mais!

"Fora de mim pela surpresa e pela emoção, nada compreendendo daquilo tudo, voltei olhando as cabines, supondo que ele tivesse entrado em alguma delas. Caminhei para a minha cabine, onde encontrei um grupo de passageiros excitados, que conversavam gesticulando. Passei por eles para retomar meu assento, perto da minha mala, e fiquei aterrorizado com o que vi: a janela sobre a qual eu colava meu rosto há poucos minutos estava destruída; a parede de madeira atrás do meu assento estava afundada e ali onde se localizaria minha cabeça havia um buraco.

"Eu soube que um trem de carga carregado de toras tinha se chocado contra o nosso e um dos troncos se soltou e entrou como uma catapulta pela janela do último vagão.

"Então, compreendi: se não tivesse aparecido meu amigo morto e se não tivesse me chamado com um aceno, eu teria morrido com a pancada. Mas meu amigo velava por mim; previu o perigo que me rondava e veio me salvar. A amizade sobrevive à morte".

No que concerne a esse episódio dramático e impressionante, que foi longamente discutido e comentado pelas revistas psíquicas alemãs, e também pelos jornais da Alemanha, não é exatamente o caso de ressaltar que a identificação do morto manifestante não tem nada de comum com as usuais **identificações com base em informações pessoais fornecidas pelos mortos comunicantes**, das quais desconfiam sistematicamente os opositores, como não tem nada em comum com a hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais", e menos ainda com a outra inefável hipótese do "fator

psíquico inconsciente que se reanima apoderando-se do organismo do médium".

Trata-se de outra coisa, isto é, de um fantasma de algum modo substancial e identificado, que acima de tudo assume o caráter de uma "premonição tutelar" com a qual o morto salva a vida do amigo em perigo. Mais uma razão para mostrar a nulidade das hipóteses supracitadas diante da grande variedade com que se externam os episódios de identificação pessoal dos mortos. Desse ponto de vista, deve-se notar também que, no caso exposto, como naquele que o precede, encontra-se o incidente característico comum a todos os episódios do gênero em que o fantasma assume forma substancial, o de que nessas mesmas circunstâncias o fenômeno é precedido de uma "brisa de ar gélido", indício de que uma considerável soma de energia fluídica foi subtraída de alguém presente. E, no nosso caso, em que os dois passageiros que o acompanhavam estavam imersos em sono profundo, presume-se que a energia fluídica não tenha sido retirada do relator, mas sobretudo dos dois adormecidos, que provavelmente não estavam imersos em um sono natural, mas provocado, no sentido mediúnico. Estava posta a coincidência fortuita ou, se se quiser, o morto tinha combinado premeditadamente, por sugestão telepaticamente induzida, a coincidência indispensável dos três "sensitivos" reunidos naquela mesma cabine de trem, dos quais ele se valeu para salvar a vida daquele que tinha heroicamente exposto a própria na tentativa desesperada de salvar da morte o amigo agonizante sobre o campo de batalha.

São a essas as conclusões que chegaram os competentes comentaristas alemães sobre o memorável evento.

Caso VI – Como se fez observar na introdução do presente trabalho, o significado dos casos de "aparições de mortos pouco depois de sua morte", ao mesmo tempo que diversifica radicalmente pelo significado metapsíquico dos casos de "identificação espírita fundados em informações pessoais fornecidas pelos comunicantes", **vale igualmente para fornecer ótimas provas nesse sentido**, e isso cada vez que as aparições dos mortos venham convalidadas por provas especialíssimas, como nos episódios precedentes, ou venham percebidas coletivamente ou sucessivamente por várias pessoas, como no episódio que me disponho a trazer. Condições que vão mais que nunca eliminar a hipótese "alucinatória" e "telepática".

Quanto às hipóteses do "reservatório cósmico das memórias individuais", e do "fator psíquico inconsciente que se torna consciente ao incorporar um médium", já se compreende que não têm nada em comum com as manifestações aqui consideradas.

Retomo o caso seguinte da **Light** (1923, p. 729) e quem o relata é o Sir William Barrett, o célebre físico, membro da "Royal Society" e fundador da "Society for Psychical Research" de Londres. Trata-se de um episódio notabilíssimo, em que o fantasma de um pastor anglicano **foi visto por cinco pessoas simultaneamente**, em uma igreja de Dublino, onde ele foi oficial por cinquenta anos. Sir William Barret escreve:

"Poucos dias depois da morte do canônico Carmichael L.L. D., meu amigo íntimo, ele foi visto saindo do púlpito de uma igreja de Dublino, onde tinha pregado por cinquenta anos. Apareceu vestido com uma túnica e uma capa e **foi visto por cinco pessoas indo ao lado de**

seu sucessor, o reverendo R. U. Murray, Litt. D., quando ele falava sobre o tema da sobrevivência. O reverendo Murray me disse que, de sua parte, nada viu, mas que teve a sensação de uma "presença" invisível, sensação à qual não teria dado qualquer importância se nas duas horas sucessivas ao culto religioso não tivesse acontecido de três senhores e uma senhora terem lhe procurado para contar sobre a visão que tiveram, antes que tivessem tido tempo de falarem com outros. E eles estavam em pontos diferentes da igreja e não se conheciam. A tais testemunhos acrescenta-se uma quinta pessoa, sra. Dixon, filha de Carmichael, a qual logo depois do culto contou a um amigo e ao marido o que tinha visto, ignorando absolutamente que outras pessoas tinham percebido o fantasma de seu pai.

"Cada suspeita de engano acordado parece absurdo, pois atrás do púlpito não existiam objetos que poderiam gerar uma ilusão de tal natureza. E, quanto aos observadores – todos céticos em matéria de aparições – nada os poderia predispor a uma alucinação coletiva. Nota-se que cada um forneceu particularidades idênticas sobre o que viram; vale dizer que todos concordaram em contar que o religioso vestia a longa capa habitual, que ele a tinha suspenso ao deixar os degraus do púlpito, como fazia em vida; que parecia estar absolutamente feliz e vivo, apesar de mais jovem do que quando saía do púlpito nos últimos tempos. Além disso, todos tinham notado que ele tinha lançado um sorriso para a filha, que estava sentada abaixo do púlpito (ela fez verbalmente uma descrição impressionante sobre isso). Mais: cada um dos percipientes tinha observado que o chapéu do fantasma tinha uma bainha rosa, onde o rev. Murray tinha uma

bainha azul. Ora, esta é a diferença existente entre os distintos acadêmicos de L.L. D. (doutor em lei) e de Litt. D. (doutor em Letras); diferença que os observadores ignoravam.

"É impossível encontrar uma hipótese naturalística que explique todos esses testemunhos independentes; como não é fácil reduzi-los a impressões subjetivas. Minha opinião pessoal é que o espírito pode às vezes se revestir temporariamente de uma forma intangível, mas visível; e não em raras circunstâncias favorecido pelo ambiente e por força de um ato subconsciente de vontade criativa, com o objetivo de projetar para os vivos uma "forma-pensamento" que resulta um simulacro de si mesmo, como era em vida. São ótimas provas de demonstração de que o fenômeno se realiza muitas vezes mesmo em sono profundo.

"Tudo isso parece maravilhoso e incrível, mas a criação de um menino no seio materno não é menos maravilhosa e incrível, se se observar que a influência inconsciente da mãe direciona as moléculas tangíveis da matéria para a construção de um simulacro físico e mental dos próprios antepassados".

Essa última consideração do prof. Barret merece ser assinalada antes de partirmos para a análise do importantíssimo caso. É a mesma consideração sobre a qual insistia frequentemente o prof. Richet a propósito do que ele denominava "o inabitual fenomenal", que tinha por efeito desconcertar o critério dos ignorantes e dos cultos de modo irracional, onde, depois, aqueles não tinham se maravilhado em nada – como se compreendessem muito bem – com o milagre de um ovo de galinha, do qual, depois de 21 dias de choca, sai um pintinho vivo,

revestido de finíssima penugem que saltita piando festivamente ao redor da galinha. A força do hábito obscurece no homem o milagre da **Vida**. Porque, se assim não fosse, nós deveríamos, ao contrário, maravilharmo-nos por existir e não mais por possuir um espírito que sobrevive à morte do corpo. É, de fato, evidente que o milagre da Vida é infinitamente maior do que aquele complementar e filosoficamente racional da continuidade da Vida, sob forma qualitativamente diferente, depois da crise da morte.

Basta: passo às análises do caso referido por Sir William Barrett, relatado em "primeira mão". Vale dizer que o morto era seu amigo íntimo e não tinha contado diretamente as particularidades dos dois protagonistas: a filha do morto e o rev. Murray. Este último, de fato, tinha tido a impressão de uma "presença" a seu lado, enquanto simultaneamente cinco percipientes observavam naquele ponto o fantasma de seu predecessor. Nenhuma dúvida com relação à autenticidade dos fatos, que resultam positivamente acordantes. Deve-se, por conseguinte, explica-los; e se tal tarefa parece simples na hipótese da intervenção real do morto que se manifesta, resulta, ao contrário, impossível para qualquer hipótese naturalística.

Viu-se que Sir William Barrett traz consigo posições teóricas fortíssimas, no sentido espírita, do caso em exame. De fato, quando se exclui a hipótese absurda de um engodo acordado entre os cinco percipientes e o reverendo Murray; quando se considera demonstrada a autenticidade dos fatos, então fica evidente que as únicas hipóteses naturalísticas aplicáveis em tal contingência são a hipótese alucinatória e a telepática, as quais não resistem à prova dos fatos.

No que concerne à hipótese alucinatória, limito-me a lembrar, como é de conhecimento comum, que os casos de visão coletiva do gênero em questão extrapolam as fronteiras de sua jurisdição. É verdade que nos assuntos da patologia mental são registrados exemplos de alucinações coletivas – especialmente nas crises de exaltação mística – mas isso se realiza infalivelmente pela via da **sugestão verbal**, e não pela via da **transmissão telepática do pensamento**; contestação essa de importância resolutiva.

De resto, até o prof. Richet o reconhece em termos explícitos. No capítulo conclusivo do seu **Tratado de Metafísica**, ele observa:

"Sei bem que das freiras históricas, presas em monastério, tem-se narrado fatos extraordinários que teriam sido percebidos coletivamente...; mas aqui não se trata nem de freiras, nem de históricas... Costuma-se objetar: "Alucinações coletivas". Respondo que não existem "alucinações coletivas". Os alienistas ignoram fenômeno semelhante".

Excluída a hipótese alucinatória, entendida no sentido patológico, resta a hipótese telepática, da qual se procuraria um "agente" que tenha projetado telepaticamente o simulacro do morto visualizado por cinco "percipientes". E aqui se encontra logo de frente uma dificuldade teórica insuperável, a de que nos casos de "telepatia entre vivos" se tem infalivelmente que o **agente** transmite ao **percipiente** o simulacro de si mesmo, jamais o simulacro de uma terceira pessoa. Daí deriva que, como no caso em questão o fantasma do homem que aparece representa um morto, inferir-se-ia que o **agente**, que transmite aos cinco **percipientes** o simulacro de si mesmo, fosse

precisamente o espírito do morto manifestado. Como se vê, induzindo e deduzindo à lógica, entramos sem querer em plena hipótese espírita; e também se deveria acrescentar que a hipótese espírita é o complemento necessário da telepática, porquanto seja verdadeiro, como indubitavelmente é verdadeiro, que a telepatia é uma faculdade espiritual, quando, também **a priori**, dever-se-ia inferir que a mesma se manifeste somente em via excepcional entre seres vivos e, por outro lado, que tenha de funcionar em via perfeitamente normal entre espíritos desencarnados e encarnados (manifestações dos mortos). Ora, é precisamente tudo isso que as pesquisas metafísicas demonstram **a posteriori**.

Acrescente-se que uma outra lei fundamental dos fenômenos telepáticos intervém para convalidar maravilhosamente as conclusões expostas, e que não podem ocorrer transmissões telepáticas a distância entre duas pessoas que não se conhecem, ou, em outros termos, que entre o **agente** e o **percipiente** devem previamente existir relações pessoais de alguma natureza: de parentesco, de amizade ou de simples conhecimento; já que somente em decorrência de tais relações é possível estabelecer entre duas pessoas a indispensável "relação psíquica", a qual, no âmbito dos fenômenos metapsíquicos, corresponde ao que no âmbito dos fenômenos elétricos se denomina "sintonização" entre duas estações de "telegrafia sem fio", **sintonização** que consiste no fato de haver previamente ajustada a estação sobre mesma "comprimento de onda elétrica". Ora, um agente telepático tem necessidade, por sua vez, de conhecer subconscientemente o "comprimento de onda psíquica" –

por assim dizer – da pessoa distante com a qual deseja se relacionar; o que pode se realizar unicamente no caso em que tenha já tido relações pessoais com ele; e, sem isso, pode ainda acontecer se o "sensitivo clarividente" tiver contato com algum objeto que tenha pertencido por longo período à pessoa em questão (**psicometria**).

Fica entendido, assim, que se não acontece nenhuma das condições expostas, então não se podem estabelecer "relações psíquicas" à distância entre duas pessoas, nem sob forma telepática, nem sob forma psicométrica. Se fosse diferente, então não poderia haver nem "sensitivos" nem "médiuns", porque estariam permanentemente obsidiados por um emaranhado inextricável de percepções de todo tipo, geradas pelos eventos da vida vivida por toda a humanidade.

Isso posto, segue que no nosso caso, onde diversos sensitivos não se conheciam, não podiam estabelecer relações psíquicas entre si e, conseqüentemente, não podiam sofrer a influência alucinatória de um agente telepático qualquer. Influência que, de resto, não era possível por um outro motivo, o do fato revelado anteriormente. A telepatia sendo resultado de um fenômeno espontâneo de expansão sobrenatural do próprio espírito, obtém-se que o **agente** projeta ao **percipiente** o simulacro de si mesmo, e não o simulacro de uma terceira pessoa. Sem contar que quem propusesse a hipótese telepática entre vivos nos casos expostos, recairia plenamente na outra hipótese da "alucinação patológica coletiva", a qual, como afirma Richet, é ignorada pelos alienistas, pois não existem senão sob forma de **sugestões verbais** e nunca sob forma de **sugestões telepáticas à distância**.

Como se vê, as argumentações contrárias à hipótese alucinatória e telepática se encaixam curiosamente umas às outras, no sentido de se reforçarem mutuamente. Na verdade, propondo-se a tese da telepatia entre vivos no caso em questão, implicar-se-ia a possibilidade das "alucinações patológicas coletivas", as quais são ignoradas pela psiquiatria, enquanto que a existência de uma "alucinação patológica coletiva" de origem telepática estaria em contradição com a regra fundamental com a qual se extrinsecam as manifestações telepáticas, em que vem constantemente transmitido o fantasma do agente, nunca o de um terceiro.

Portanto, deve-se concluir que o fantasma telepático que apareceu para os cinco percipientes era um fantasma **objetivo**, ou seja, uma "forma pensamento" (para usar a designação de Barrett), de que se revestiu temporariamente o espírito do morto com a finalidade da identificação pessoal. Nesse caso, até a sensação de uma "presença" que o rev. Murray experimentou, bem como localizou no mesmo ponto em que os outros viram o fantasma, concorreria validamente para demonstrar a real presença no ponto de um fantasma fluídico intangível, mas perceptível aos olhos dos sensitivos.

Resta revelar que as manifestações da natureza exposta resultam absolutamente independentes da hipótese do "reservatório cósmico das memórias individuais". De fato, mesmo admitindo que no reservatório em questão, junto às memórias individuais de todos os mortos, conservam-se os simulacros dos mesmos, dever-se-ia inferir necessariamente que tais simulacros existam naquele meio em estado inanimado, pois se se tratasse de simulacros animados, agentes e

inteligentes, então se veria afirmar a sobrevivência de entidades espirituais verdadeiras e a hipótese do "reservatório cósmico" se identificaria com a hipótese espírita. No entanto: viu-se que o fantasma do morto aqui considerado não era um simulacro inanimado desde o momento em que foi visto subindo as escadas do púlpito e ficar ao lado de seu sucessor, e dirigir um sorriso a própria filha: circunstâncias inconciliáveis com a existência hipotética de um "reservatório cósmico de simulacros inertes de mortos".

Quanto à hipótese do "fator psíquico inconsciente", compreende-se que não há nada em comum com o caso em exame.

Caso VII – Extraio-o da magnífica revista norte-americana **Psychic Research** (1928, p. 429), a qual é órgão da "American Society for Psychical Research".

Trata-se de um caso muito bem documentado, referido pelo mesmo "Research Officer" da Sociedade em questão, o qual o coletou dos lábios dos percipientes. O episódio é análogo ao precedente e não apresenta modalidades diversas de extrinsecação, mas vale para convalidar as conclusões espiritualistas às quais se chega analisando o outro. A reiteração dos episódios análogos é a mais eloquente das provas no campo das investigações metapsíquicas, como em qualquer outro campo de investigação científica.

Malcom Bird, o oficial dos casos que chegaram ao conhecimento da "Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica", publica no número de agosto de 1928 da revista citada dois casos de aparições de mortos muito importantes e que merecem ser relatados aqui.

Para o primeiro deles, ele antecipa que, por razões que emergem claramente do contexto da narrativa, deverá se abster de nominar os protagonistas, bem como a localidade em que se desenvolve o evento, que é uma cidadezinha do estado de "New England". Fica entendido, portanto, que os nomes aqui referidos serão pseudônimos. Ele prossegue informando que, encontrando-se em visita a cidade de X, vieram lhe encontrar o reverendo John Jones e a senhorita Anna Barry, sua prima, os quais contaram um episódio extraordinário de visão coletiva de um fantasma na igreja da qual o reverendo Jones era reitor, episódio acontecido no ano de 1920.

Naquela época, o "Superintendente Sênior" da igreja era um certo William Smith, que tinha aquele cargo há trinta anos, e sempre trabalhou com verdadeira abnegação e amor, fosse financeiramente ou em outro aspecto, para o bem e a prosperidade da própria congregação à qual se sentia vinculado por sentimento espontâneo. Todavia, no ano de 1920 acontece uma série de problemas nos negócios, o sr. Smith se encontrou financeiramente arruinado e em um momento de desespero profundo tirou a própria vida. Pouco depois, a srta. Barry soube pela viúva que a principal causa da depressão moral que o incitou ao ato desesperado do marido estaria na circunstância em que suas condições financeiras não lhe teriam permitido depositar na bandeja de ofertas de páscoa da igreja o habitual "Cheque" que ele depositava há trinta anos, o qual correspondia a uma soma notável. Isso constitui um elemento importante e sugestivo para a história da manifestação ocorrida.

Desse ponto, o relator continua assim:

"No domingo que sucedeu o dia da Páscoa, a uma semana de distância do suicídio do sr. Smith, na igreja em questão, foram recolhidos, como de costume, as ofertas pascoais de dois "Superintendentes", um deles era o habitual coletor dos anos precedentes, o outro um senhor eleito para o posto do falecido Smith. Cumprida a tarefa, os "Superintendentes" atravessaram a igreja, alcançaram os degraus do coro e estavam subindo para apresentar as ofertas recolhidas no altar quando veio a seu encontro o "reitor" para receber a bandeja de suas mãos. Mas ele de repente estremeceu, ficou pálido, recuando como se fosse tomado de repentino mal estar.

A srta. Barry, sua prima, observou estupefata a cena e o reitor Jones o confirmou.

"Simultaneamente ouviu-se um grito no canto extremo direito da igreja. A srta. Barry, que sentava em sua cadeira habitual, testifica que seus olhos, que fixavam naquele momento os senhores que levavam as ofertas para o altar, perceberam três pessoas nos degraus do coro, ao invés de duas: e a terceira pessoa era o fantasma do senhor Smith, tão real e natural para ela como era todos os domingos que o tinha visto assistir o serviço divino naquele lugar.

"Quando, mais tarde, o reitor Jones voltou para casa, a srta. Barry lhe perguntou o que tinha acontecido com ele durante o serviço religioso. Ele hesitou um instante, e então respondeu assim:

" – Pois bem, nem eu sei o que me aconteceu... Me pareceu ter visto... – a srta. Barry o interrompe: – Eu sei quem o senhor viu, porque eu também o vi: esta manhã Willy Smith estava na igreja, em seu lugar, como de costume.

" – Sim, respondeu o reitor, ele estava como de costume, em seu lugar, e parecia tão real e natural como quando era vivo.

"Poucos dias depois a srta. Barry encontrou uma senhora da congregação, certa sra. Davis, que lhe perguntou se ela tinha ido à igreja no último domingo. Ela respondeu afirmativamente e, então, a sra. Davis perguntou se ela tinha ouvido gritos. A srta. Barry observou que tinha ouvido um grito de uma pessoa apavorada, mas não sabia quem tinha gritado. A sra. Davis, então, contou o seguinte:

" – Fui eu quem gritou. Não sabe o motivo? Eu vi Willy Smith, que estava nos degraus do altar (ela queria dizer, nos degraus do coro), e parecia tão natural como quando estava vivo.

"Então a srta. Barry informou à sra. Davis que ela própria, junto ao reitor Jones, tinha visto no mesmo ponto o falecido Smith...

"Srta. Barry contou que quando a aparição foi vista, o reitor Jones estava no centro do coro, a sra. Davis estava na extrema direita dele, e ela se encontrava na extrema esquerda, de modo que a aparição foi vista em três pontos diametralmente opostos da igreja. Além disso, ela observa que o fantasma parecia tão humano que não sugeria nada de anormal ou fora de costume. Não sabia que outras pessoas tinham visualizado o fantasma, embora a igreja estivesse lotada. Ela acha útil informar também que a igreja em questão foi edificada sobre um antigo cemitério da congregação e que nos nove anos que ela e o reitor viviam ali tinham de assistir a alguns fenômenos físicos inexplicáveis, presumivelmente de origem sobrenatural".

Aqui termina o relato do primeiro episódio referido por Malcolm Bird, episódio análogo ao precedente, sobre a veracidade do qual não é lícito discutir e que, assim, requer, por sua vez, ser seriamente considerado pelos cultivadores da pesquisa psíquica, para possivelmente indagar a gênese sob pontos de vista diversos e conseguir, dessa maneira, melhor penetrar o grande mistério que envolve as manifestações desse gênero.

Por minha conta, já o fiz nos comentários do caso precedente, com base nos quais se tem que os fenômenos da "aparição de mortos" observada coletiva ou sucessivamente se mostram inexplicáveis pela

hipótese naturalística da "telepatia entre vivos", da "alucinação coletiva", do "reservatório cósmico das memórias individuais" e do "fator psíquico inconsciente vagante pelo espaço". Estando as coisas assim postas, não é o caso de acrescentar outras argumentações para provar a origem genuinamente espírita do fantasma notado por três percipientes. Quem não compartilha de tal opinião ponha-se a refutar os meus argumentos anteriores e eu responderei.

Nota-se no episódio exposto a condição do morto, o qual era tão ligado à sua igreja que preferiu a morte em desespero por não poder doar a mesma soma considerável que todos os anos depositava na bandeja pascoal.

Como já apresentei no meu livro "Fenômenos de Assombração"³ mesmo por um bom número de manifestações de mortos chama a atenção como eles mostrem origem em um estado especial de "monoideísmo", determinado na mentalidade dos mortos por condições psíquicas emocionais que levaram à morte. Estado de ânimo que, tendo vinculados por um dado tempo os espíritos desencarnados ao ambiente em que viveram, facilitaria grandemente sua manifestação no mesmo ambiente. Isso, por conseguinte, deveria consistir a causa predisponente que permite ao morto a manifestação mais uma vez no local normalmente ocupado por ele em vida, na igreja de seus pensamentos. Deve-se, também, ter-se em conta o que afirma a srta. Barry, que naqueles ambientes, ela e o reitor foram testemunhas dos fenômenos físicos espontâneos de origem

³Este livro já apareceu, traduzida a primeira edição italiana, em francês (Alcan), in alemão (Mutze) e em inglês (Psychic Press) [G.B.D].

presumivelmente sobrenatural, o que leva a inferir que a igreja e o presbitério, edificados sobre um antigo cemitério, resultariam saturados de "fluidos vitalizantes", os quais facilitavam as manifestações dos mortos.

Caso VIII – É o segundo episódio referido pela Research Officer da "American Society for Psychical Research" e eu o extraio do mesmo artigo publicado na revista **Psychical Research**.

Ele escreve:

"Por esse segundo episódio, não me vejo obrigado a ocultar o nome do participante a quem me referi. Esse participante é o sr. D. L. Daddirrian, membro da "American Society for Psychical Research" e industrial bastante notável. Escrevi o relato do caso abaixo tendo ele o ditado. Reli e ele aprovou.

"Devo antes de tudo apresentar que o sr. Daddirrian está quase totalmente às cegas, de modo que consegue apenas distinguir a luz da sombra, a dez ou doze metros de distância, e quando a luminosidade é moderada.

"Em 07 de setembro de 1927, às 7h15min da noite, o sr. Daddirrian, com sua sobrinha, srta. Hattie, sentavam na parte coberta da varanda de seu apartamento. Essa sua parente tinha assumido a direção da casa depois da morte da senhora Daddirrian, morte que naquela época era recente. Na circunstância aqui considerada, a sra. Hattie sentava ao fundo e o sr. Daddirrian no outro extremo da varanda. Esperavam seu motorista, que iria levá-los ao cemitério. Esperavam em silêncio e o sr. Daddirrian informou que naquele momento não pensava em nada particular: estava passivamente esperando a chegada do automóvel.

"De repente, ele ouviu passos no cascalho do passeio, que vinham do lado sul da varanda, a uma certa distância dela. Sua curiosidade foi

despertada, porque não havia hóspedes na casa, mas somente os empregados. Ele foi à cozinha:

"- Hattie, ouvi passos no cascalho do passeio. Alguém provavelmente foi à cidade. Quando estiver por perto, diga-me quem é.

"A sra. Hattie disse que não ouviu passos, observando que provavelmente ele tinha confundido com passos o barulho que as crianças faziam, brincando na rua (a qual fica a cem pés da varanda). O sr. Daddirrian estava certo de que os passos que ele dizia, e que ainda ressoavam pelo cascalho do passeio, não vinham daquela parte, pelo que insistiu, observando:

"Mas, não. Trata-se de uma pessoa que passeia sobre o cascalho, exatamente em frente a nós, nesse momento.

"Enquanto falava, dizia que os passos se aproximavam cada vez mais e seu eco ficava cada vez mais distinto. Enfim, chegaram de frente às escadas... Ele perguntou novamente:

"- Hattie, Hattie, você não está ouvindo os passos? Ressoam bem à nossa frente. Quem está chegando?

"Dessa vez, a senhora Hattie não respondeu. O sr. Daddirrian entendeu que tinha se expressado com certa impaciência e que a tinha aborrecido.

"No entanto, ele avisou que os passos continuavam a se fazer ouvir. Mas, ao invés de descer a escada e ressoarem das tábuas, eles continuaram na via que contornava a varanda, indo na direção norte e ficando cada vez mais fracos.

"Renunciando em obter esclarecimentos da senhora Hattie, que ele entendia estar momentaneamente aborrecida, o senhor Dadirrian chamou em voz alta:

"Quem está passando? Poter, Margherita, Cecilia, Roy?

"Nenhuma resposta. Enquanto isso, o eco dos passos foi se extinguindo gradativamente. Ele concluiu que provavelmente se tratava de um empregado, que não tinha ouvido sua voz ou tinha fingido que não ouviu.

"Nesse intervalo, chegou o automóvel e os dois foram para o cemitério.

"O passeio teve a duração de uma hora. O sr. Dadirrian notou que sua prima se manteve constantemente taciturna, preocupada, um pouco deprimida...

"É costume do sr. Dadirrian levantar-se de manhã, se vestir e esperar no quarto uma xícara de café, fumando um cigarro, enquanto usualmente sua prima se põe a ler os jornais para ele.

"Naquela manhã, a sra. Hattie, logo que entrou, dirigiu-lhe a palavra:
- Tenho que te dizer uma coisa, mas não quero te deixar impressionado.

"O sr. Dadirrian estava longe de imaginar o que ela teria a dizer.

"Ela continuou assim:

"Você se lembra de ontem quando estávamos sob o pórtico e você me disse que havia passos ecoando do cascalho da estrada, me pedindo para olhar quem era a pessoa que estava indo para a cidade? Eu te respondi que nada ouvi e que provavelmente você confundiu o barulho das crianças na rua com o eco de passos na estrada. Você

respondeu que ouvia as crianças brincando, mas também ouvia claramente os passos que iam pelo cascalho da estrada e se aproximavam de nós. Você se lembra que logo depois você voltou a falar comigo, repetindo que os passos vinham da frente e me perguntando se eu não via quem estava naquela região? Então, eu olhei e sabe o que vi? Naquele ponto estava Dolly (sra. Daddirrian), sorridente e feliz! Ela usava vestes longas e tinha os cabelos soltos, mas não vi nem os pés nem as mãos dela. Parecia que volitava sobre o passeio. Ela foi na direção norte e desapareceu no caminho, em meio aos pinheiros. Não respondi sua pergunta porque fiquei de tal modo impressionada e aturdida que senti a testa tomada por um suor frio. Eu já tinha ouvido falar em pessoas que viram fantasmas, mas nunca acreditei nessas histórias, e por isso, quando vi Dolly na minha frente, fiquei espantada e muda. Você deve ter observado que quando voltamos do cemitério eu voltei ao meu lugar no pórtico, apesar da hora. Eu fiz isso porque esperava vê-la novamente, mas nada me apareceu.

"O sr. Daddirrian entendeu que tinha de acrescentar, por bem, que durante a experiência, ele nada tinha dito que pudesse indicar a sua prima a direção dos passos que ele ouvia, que tinham seguido pelo norte. Apesar disso sua prima viu a aparição percorrer exatamente o caminho que o sr. Daddirrian tinha percebido com o auxílio de uma impressão auditiva, o que tende a excluir de modo absoluto que sua prima tivesse inventado uma historinha...

"Até onde me é permitido saber com base nos conhecimentos adquiridos no tema da metapsíquica, esse segundo episódio resulta

único pela circunstância da aparição, a que foi **vista** por quem possuía o sentido da visão e ouvida pelo observador que não dispunha de outro sentido que não a **audição** para se relacionar com o ambiente externo. Não estou muito seguro de que do ponto de vista da existência objetiva da aparição, tal circunstância de fato apresenta uma prova ainda mais decisiva do que a outra fornecida pelos casos de visão coletiva dos fantasmas. De todo modo, esta resulta indubitavelmente uma variante muito sugestiva nos casos desse último gênero".

Quanto a essa última consideração do relator, observo que os casos de aparição telepática de natureza coletiva, com variante dos diversos sensitivos que perceberam a mesma manifestação com impressões diversas dos sentidos, são bastante frequentes na casuística telepática, como naquela das aparições dos mortos. Nessa última ordem dos fatos, recordarei um episódio que citei em outro trabalho, no qual três percipientes tiveram três impressões diferentes, mas igualmente verídicas, sobre a presença do mesmo fantasma: um deles o **viu**, o outro **ouviu** sua voz e o **terceiro percipiente sentiu um e perfume fortíssimo de violeta**, o que correspondia à circunstância de que ele estava literalmente coberto de violetas em seu leito de morte.

Todavia, o caso aqui considerado resulta efetivamente único quanto ao que segue: aquele entre os percipientes que sentiu a presença do fantasma com o auxílio de uma impressão auditiva, não teria podido saber de outra forma, sendo cego. Dir-se-ia, portanto, que a mulher falecida tinha intencionalmente impressionado telepaticamente o

sentido da audição do próprio marido, sabendo bem que não teria podido se manifestar de outra forma. E se manifestou simultaneamente à prima na forma objetiva a fim de que o marido soubesse a origem do eco dos passos que ele ouviu, ao mesmo tempo obtendo que as impressões telepáticas dos dois percipientes se convalidariam maravilhosamente, e isso também na questão do caminho percorrido pelo fantasma, de modo a fornecer aos entes queridos e ao mundo dos vivos uma prova incontestável da própria sobrevivência.

Além disso, deve-se acrescentar que também do ponto de vista da objetividade de um bom número de fantasmas telepáticos e de aparições de mortos, o episódio exposto é mais eficaz nesse sentido do que o que não tenha episódios em que a visão dos fantasmas é coletiva, mas unicamente visual. E isso contendo em si duas provas díspares, as quais convergem para tal demonstração.

Resumindo: também no episódio em exame, como para os outros que precederam, deve-se reconhecer que as hipóteses de "alucinações coletivas" e da "telepatia entre vivos", combinadas às outras do "reservatório cósmico" e do "fator psíquico", em nada se aplicam para sua solução; de modo que não resta senão dirigir uma ação telepática da parte da falecida; ação determinante da manifestação exposta, na qual o marido é impressionado telepaticamente sob a forma **auditiva**, que resultou positivamente **subjetiva**, enquanto a outra pessoa presente nada tinha ouvido, mas ao mesmo tempo fica positivamente verídica, porque o eco subjetivo dos passos na estrada tinha seguido a deambulação do fantasma percebido pela outra pessoa presente.

De um ponto de vista diferente, observo como tal fantasma deveria se tomar por objetivo, apesar de ter sido observado por apenas um percipiente, e isso pela consideração de que não é cientificamente admissível analisar um fato separadamente dos outros de semelhante ordem, que no nosso caso seriam as aparições de fantasmas percebidos coletivamente, bem como para a consideração de que o fantasma tinha sorrido para os familiares. Assinalo que não era uma projeção puramente telepática do pensamento da falecida. De todo modo, que se tenha em conta que, mesmo que não tivesse sido isso, tal circunstância em nada mudaria as conclusões a que se chega quanto à origem extrínseca, ou espírita, do episódio em exame.

Caso IX – O extraio da **Light** (1924, p. 656). A sra. Winifred L. Mundelle, residente em Washington (U.S.A), escreve nesses termos ao diretor da revista:

"Caríssimo senhor diretor,

"Entendo ser meu dever relatar uma experiência pessoal recente, na qual existe uma extraordinário particularidade: um cãozinho que reconhece um fantasma, o que produz em mim uma impressão que jamais passará.

"Abateu-se sobre mim grande desventura. Uma noite, tomada por agonia, quis enfrentar o tremendo quesito de resolver. Estava só, com um cãozinho irlandês "terrier", meu companheiro constante, que sabia do estado de desolação extrema que se debatia em meu íntimo. Ele estava aninhado em sua cama, ao meu lado, e seus grandes olhos marrons me seguiam inquietos a cada movimento, notando em mim o tumulto de emoções que agitavam minha alma a ponto desesperador.

"Tenho necessidade urgente de um conselho. A quem buscar? Ninguém poderia me ajudar. Angustiada por tal pensamento, lembrei dela, a quem nunca recorri em vão, e que há três anos tinha passado para uma vida melhor.

"Levantei os braços, com as mãos unidas em súplica, e exclamei: - Oh, mãe, mãe! Venha em meu amparo! Mostra-me a estrada a seguir!

"No mesmo instante, senti uma "presença" ao meu lado. Voltei-me para aquele lado: era minha mãe! Seu rosto irradiava uma doçura e ternura infinitas e estendeu os braços num gesto de amor.

"Simultaneamente o cãozinho, que era o companheiro inseparável da falecida, saltou da caminha correndo a seu encontro, salteando festeiro em torno dela: mas suas patinhas atravessaram o corpo dela, encontrando a madeira da porta. Fui espectadora da cena com meu imenso espanto. Alguns instantes depois, a forma da minha mãe estava totalmente diminuída, mas o cãozinho, perplexo e irrequieto, tinha pressionado o focinho contra a fresta da porta e não se mexeu mais, esperando que a antiga dona viesse abri-la. Fui obrigada a prendê-lo com os braços, tentando acalmá-lo com carícias, assim impedindo que seus uivos acordassem as pessoas que dormiam no quarto adjacente. E pouco a pouco, depois de uma crise respiratória frenética, cessou os uivos, se enrolou na minha barriga, ficando tranquilo.

"Quanto a mim, meu ânimo estava plenamente renovado: o conselho pedido me foi passado na mente: o problema que me angustiava estava resolvido. Minha evocação desesperada foi ouvida e prontamente respondida. Mais uma vez a filhinha chamava a mãe em uma circunstância da vida e a mãe logo veio em sua ajuda.

"Aqueles que **viram** sabem de que a morte não existe" (Autoria: Winifred L. Mundelle).

Essa última reflexão da relatora me impressiona pela profunda verdade psicológica contida nela. É certo que aqueles que **viram** os fantasmas autênticos entes queridos, que tinha seu sorriso, ou dirigido a palavra, ou provado de outra forma serem fantasmas sensíveis e inteligentes (como é o caso dos sete episódios que precedem), é certo – digo – que não mais duvidam e por toda sua

vida sobre o pós-túmulo. E eles não mais duvidam porque conhecem por experiência a verdade em argumento; eles somente sabem que por conta daquelas sutis e infalíveis impressões subjetivas do espírito, chegaram em um instante à solução do mistério do ser. Daí segue que seus testemunhos afirmativos são de longe mais valorosos do que os enunciados gratuitos de teóricos catedráticos, que perdem seu tempo a cunhar neologismos, utilizando estes ao invés de demonstrações.

Por outro lado, também é verdadeiro que a grande maioria dos que devem ler ou escutar os eventos do gênero, ocorridos com outros, concordam, de vez em quando, com o caráter incontestavelmente espírita do último episódio, o qual não podem negar. Ficam então pensativos e abalados por um tempo, mas terminam invariavelmente por esquecer, como já esqueceram de numerosos episódios análogos, conhecidos anteriormente. Daí se tem que recaem invariavelmente na hesitação inicial, continuando por toda a vida a se comportarem do mesmo modo, passando de um caso a outro, de uma prova a outra, sempre esquecendo, esquecendo tudo, nada retendo, e, conseqüentemente, debatendo-se no vazio.

E infelizmente tais fenômenos psicológicos não se verificam somente em leitores apressados e superficiais destituídos de senso filosófico, mas se realiza em quaisquer classes de leitores e estudiosos, mesmo entre intelectuais mais eminentes da disciplina metafísica; e acontece com tal frequência e uniformidade que se deve inferir que se trata de uma imperfeição congênita da mentalidade humana, a qual não consegue manter presente na consciência senão uma mínima parte do

que virtualmente conhece sobre um dado tema, com a consequência de que o raciocínio humano quase sempre **induz** e **deduz** com base em dados parcialíssimos, chegando a conclusões miseravelmente equivocadas. Resta somente, então, resignar-se ao inevitável, porquanto tais imperfeições do raciocínio humano resultem causa de estupor em poucos, os quais, ao contrário, não são servidos de modesta, mas capitalíssima faculdade de saber ter constantemente presente na mente todos os dados da questão a resolver. Dados que, no nosso caso, consistiriam em uma variedade numerosa de episódios metapsíquicos inexplicáveis por qualquer hipótese naturalística, e que, contemplados reunidos em uma síntese formidável, transformam-se em uma prova cumulativa logicamente irresistível na demonstração da intervenção experimentalmente acertada dos espíritos dos mortos nas manifestações metapsíquicas. Para eles, a demonstração da existência e sobrevivência da alma já pertence à ciência há longo tempo, com base em fatos, e é somente a imperfeição congênita do raciocínio humano que impede de reconhecer isso. Para os leitores que desejam indicações onde obter episódios da tal natureza, observo que os casos que precedem pertencem à categoria dos episódios não explicáveis pela hipótese naturalística; e conseqüentemente concorrem para validar a demonstração experimental da sobrevivência do espírito humano. Aproveito para acrescentar que se os leitores de boa vontade quiserem folhear as minhas inúmeras monografias, obterão vários casos do gênero, pertencentes a todas as categorias de manifestações metapsíquicas.

Para o momento, convido a todos a refletirem sobre as palavras altamente sugestivas da relatora do caso em questão: "Aqueles que **viram**, sabem que a morte não existe".

Basta: depois desse desabafo, justificável no caso do autor, o qual há meio século acumula prova sobre prova, com resultados pouco encorajadores, passo a analisar brevemente o episódio em exame. Observo de antemão que no que se refere à hipótese da "alucinação coletiva", esta não é aplicável ao episódio exposto, e isso com base nas considerações feitas nos comentários do caso VI, onde se ressaltou como os alienistas ignoraram a existência de "alucinações coletivas" consecutivas a um fenômeno de **transmissão de pensamento**. Essa é a única forma alucinatória teoricamente aplicável em nosso caso. De todo modo, acrescento que devem se considerar bastante raros os casos de alucinação provocados por **sugestões verbais**, visto que se estas fossem relativamente comuns, ou se as alucinações patológicas determinassem normalmente as projeções objetivadas da ideia alucinante, perceptíveis aos olhos normais, em tal contingência nos manicômios onde existem pacientes fixados a alucinações visuais vivazes de seus supostos perseguidores ou do diabo, deveriam ser encontrados casos muito frequentes de contágio alucinatório coletivo. Ao invés disso – como se disse – os alienistas ignoram a existência de semelhantes fatos.

Isso posto, acrescento como, para além das validíssimas considerações expostas, da análise do caso em questão emergem circunstâncias de fatos especiais, os quais aparecem resolutivas no sentido da exclusão definitiva da hipótese alucinatória, de todas as formas, como explicação plausível do caso. A primeira consiste no fato de que o participante da visão do fantasma foi também desta vez um cachorro, que indubitavelmente deveria se considerar mais ou menos suscetível de sofrer sugestões alucinatórias do pensamento humano; a outra consiste nisso: que a hipótese alucinatória não poderia explicar o fato da vidente que, antes de ver o fantasma, teve a impressão de uma "presença" a seu lado, e somente virando-se para o lado em que sentia que **alguém** se encontrava, viu o fantasma da mãe. É evidente que, se se tratasse de uma alucinação patológica consecutiva à análoga invocação da percipiente, nesse caso o automatismo autossugestivo de seu subconsciente teria devido projetar o fantasma alucinatório **a sua frente**, vale dizer, na direção de seu olhar, qualquer que fosse o ponto em que se dirigisse naquele momento. Ao invés disso, ela teve a impressão de uma "presença", que se encontraria em um ponto determinado, em cuja direção não estava seu olhar, e somente olhando naquele ponto viu o fantasma materno; o que prova como naquele ponto deveria existir indubitavelmente algo objetivo. E como o fantasma se mostrou agente e inteligente, deve-se inferir que não poderia nem se tratar de um simples simulacro objetivado do pensamento da percipiente. Esta última hipótese não poderia se sustentar, porque se se tratasse de um simulacro substancial objetivado pelo pensamento da percipiente,

este teria que ter se projetado automaticamente **na linha de seu olhar**, e jamais se concretizar ao lado.

Nota-se, enfim, que em tais contingências deveria se tratar de um simulacro e nada mais. Nesse caso, um simulacro inanimado não teria podido transmitir à percipiente a impressão telepática de uma "presença" naquele ponto, com a finalidade precisa de fazê-la voltar-se àquela parte; circunstância que não somente elimina de um golpe a hipótese alucinatória de todas as formas, mas demonstra ao mesmo tempo que se tratava de um fantasma consciente, inteligente, capaz de transmitir telepaticamente o próprio pensamento à sensitiva, como presumivelmente transmitiu o conselho solicitado com tanta urgência pela filha tomada pelo desespero.

Tudo isso considerado, portanto, deve-se inferir que a hipótese das "alucinações coletivas", tanto subjetivas quanto objetivas, além de se mostrar cientificamente insustentável **em tese geral**, também deve ser excluída do rol das hipóteses aplicáveis ao caso em questão, **em tese particular**.

Quanto às outras hipóteses da "telepatia entre vivos", do "reservatório cósmico das memórias individuais" e do "fator psíquico vagando pelo espaço", já se compreende que não são aplicáveis à manifestação exposta.